



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete Vereador Milton Leite

TERMO DE ANUÊNCIA

Em conformidade com o disposto no artigo 348, parágrafo único, do Regimento Interno desta Egrégia Casa Legislativa, expresso minha concordância quanto à propositura de Projeto de Decreto Legislativo de entrega do Título de Cidadão Paulistano, de iniciativa do Ilustre Vereador Milton Leite.

São Paulo, Estado de São Paulo, 21 de novembro de 2023.

JOSÉ GUIMARÃES JUNIOR

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO 8072-1

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO RICARDO GUMBLETON DAUNI

MAIOR DE 65 ANOS

PROIBIDO PLASTIFICAR

ASSINATURA DO TITULAR

CARTEIRA DE IDENTIDADE

R493-083266

VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL 1.800.593-7 DATA DE EXPEDIÇÃO 06/OUT/2008

NOME JOSÉ GUIMARÃES JUNIOR

FILIAÇÃO JOSÉ DA ROCHA GUIMARÃES

E LAURA DE OLIVEIRA GUIMARÃES

NATURALIDADE POÇÕES - BA DATA DE NASCIMENTO 21/MAI/1934

DOC ORIGEM SÃO PAULO-SP

CPF 030956578

CC: LV.B054/FLS.232 /N.013266

LEI Nº 7.116 DE 29/08/83

CARLOS ASSINATURA DO DELEGADO DE POLÍCIA RICARDO SSP/SP

01 Delegado Divisionário

No interior da Bahia existia uma linda fazenda chamada “Rio Colônia”. Seu proprietário Pastor e juiz de Paz era o Sr. José da Rocha Guimarães. Lá moravam 12 famílias denominadas agregadas que trabalhavam, plantavam, colhiam, e, metade era deles, e a outra parte do patrão. Não existiam médicos e o único transporte era o cavalo. A propriedade era muito grande, tão grande que as vezes apareciam animais que era presos no curral. Era dividida ao meio pelo rio Colônia. Quem vinha da cidade do lado direito havia um elevado, em cima uma planície onde dormia a criação, ao fundo um pomar, em sua frente um casarão com vários quartos, e um balaústre com algumas redes para descanso. De frente para casa do lado esquerdo havia um engenho para moer cana, pilão para preparar pó de café, tachos para fazer requeijão, e armazém para guardar alimentos. Seu José conheceu uma linda garota chamada Laura Mota de Oliveira, e com ela se casou em 1920, passando a se chamar Laura de Oliveira Guimarães. Da união nasceram 11 filhos e o penúltimo a nascer foi José Guimarães Junior, apelido DUDU em 21/05/1934. Sua mãe logo percebeu que havia nascido com paralisia infantil, mandou chamar a agregada da Dona Maria esposa do Sr. Miguel para conversar, assim que ela chegou, Dona Laura disse: - Dona Maria tome conta dessa criança, se ela viver eu lhe dou um boi de presente. Ela levou a criança para sua casa, mandou buscar raízes de arvores da Amazônia mata Atlântica, Caatinga e Serrado. Com esses ingredientes fazia chá, dava para a criança beber e tomar banho. Toda semana matava um boi, retirava o bucho, colocava o menino dentro e ficava o dia inteiro no sol. Após dois anos, a criança começou a engatinhar. Aos três anos começou a andar com as mãos nos joelhos, e foi melhorando a cada dia. E nesse período sofreu todo tipo de buling dos seus irmãos. Aos cinco anos seu pai foi a cavalo para Vitoria da Conquista fazer uma operação e nunca mais voltou, no dia e hora que ele morreu a criação saiu em disparada, as portas se bateram, foi um aviso dele de que não estava mais conosco.

A recuperação do menino ia muito bem, foi notada uma pequena sequela em seu maxilar, pois ao ingerir alimentos sua boca abria muito pouco. Com muitos exercícios melhorou bastante. Levava uma vida muito boa na fazenda. Um dia sua irmã mais nova Zibia, ele e sua prima foram tomar banho no rio, e se acomodaram num lagedo (pedra quase plana). Neste local o Rio tinha uma pequena correnteza, ele atravessou e sua irmã também. A prima só assistia. O problema era a volta, ele deu tudo de si e conseguiu vencer a correnteza. Disse para sua irmã, agora é a sua vez. Ela não conseguiu e começou a gritar pedindo socorro. Ele foi dar a mão para ela que o arrastou e começaram a se afogar. A casa onde moravam não era muito perto e sua mãe ouviu uma voz dizendo: Ai mamãe três vezes. Saiu no balaústre e gritou para uma de suas filhas mais velha, chamada Gedeth, corre lá que seus irmãos estão se afogando, ela saiu correndo, pulou no rio e salvou os dois. Os olhos do menino estavam sobressaltados, e a Zibia com a barriga cheia d'água. Na frente da mãe um dizia para o outro, foi ele, foi ela. Passaram alguns anos e a Dona Laura casou novamente, e a família foi morar na cidade. Todos aclimatados, o José começou a estudar com as professoras Aurora e Leticia. Naquela época existia muita sabatina a cada pergunta ao aluno que não sabia responder levava um bolo de palmatoria de quem respondia. Mesmo em aulas de leitura, se falasse uma palavra errada, ficava de castigo. Um dia falando a palavra álcool não soube pronunciar e o castigo veio. Naquela época comecei a gostar de futebol.

Minha mãe comprou uma bola pra mim e algumas vezes deixava de ir a escola para jogar bola, e minha mãe me castigava. Eu gostava muito de uvas passas, um dia peguei dinheiro na bolsa da minha mãe e gastei tudo com uvas passas, comi tanto que coloquei tudo para fora. Nunca mais quis saber de uva passas, e ainda, levei uma surra da minha mãe por ter pego o dinheiro que não era meu. Quase todos os

dias a tarde a molecada se reunia para jogar bola, os dois melhores tiravam par ou impar para saber quem seria o primeiro a escolher. Um dia não me escolheram, eu falei, ah é? Esqueceram que a bola era minha, peguei a pelota e fui saindo, aí se deram conta, me chamaram e fui o primeiro a ser escolhido. Naquela época brincávamos de pião, ioiô, bolas de gude, snooker. A mesa de jogo era fabricada por mim, era uma infância saudável. Me chamavam filho da Dona Laura, devido algumas confusões que eu arrumava por sofrer bullying. Carregava nos bolsos um estilingue e bolas de gude para atingir meus adversários. Havia um morador de rua chamado Zezé, que a garotada gostava de tirar sarro dele. Um dia fui fazer o mesmo, e, ele correu atrás de mim até eu me cansar, chegou perto de mim, colocou o dedo polegar em minha cabeça, apertou como se fosse matar um piolho, e foi embora. Nunca mais mexi com ele, foi uma lição de vida para mim. Nessas idas e vindas meu irmão mais velho Juacy veio morar em São Paulo. Com 16 anos disse para minha mãe que gostaria de morar em São Paulo para estudar e trabalhar. Minha mãe me deu um bom dinheiro para minha ida a São Paulo, viajei na boleia (cabine) de um caminhão de um amigo da família, que me deixou no largo da Concordia. Lá peguei um taxi e fui para a Rua João Bohemer, 950 encontrar com meu irmão. Era uma pensão, ao encontrar com ele disse que o taxista deu muitas voltas para chegar até aqui. À noite o motorista estava jantando conosco, meu irmão disse: - Deixa isso pra lá. Despreocupado com a vida pois tinha um bom dinheiro, comecei a gastar com a revista Gibi, e quando me dei conta o dinheiro havia acabado. Com vergonha de pedir dinheiro para minha mãe e percebendo que não era justo, consegui um emprego na malharia Pluma na Rua Maria Marcolina, 543. Naquela época quem chegasse atrasado cinco minutos perdia o domingo. Seu Wilson, um dos sócios da firma ficava na fábrica fiscalizando os funcionários. Eu vinha trabalhar andando a pé pela Rua Silva Teles, e, quando chegava à esquina da Rua Maria Marcolina ele me via e adiantava o

relógio para que eu perdesse o domingo. Depois de uma hora, ele atrasava o relógio. As vezes tinha que fazer horas extras para pagar a pensão. A noite estudava no Liceu Acadêmico São Paulo, na Rua Oriente. A pensão servia alimentação todos os dias, menos no domingo a noite. Nesse dia almoçava bem tarde para não ter fome durante a noite. A pensão ficava a 30 metros de uma esquina onde ficava uma padaria que forneceu alimentos e doces variados, às vezes ia até lá com vontade de comer algo, mas não tinha dinheiro para pagar. Certo domingo lá pelas 19hs fui à padaria para apreciar todas aquelas guloseimas. Chegando lá, encontrei o Vicente, um rapaz forte de cor, colega da pensão, que me disse: pode comer o que você quiser que eu pago. Perguntei: - Você ganhou na loteria? Ele disse, não!. Ganhei nos cavalos. Pedi a ele que me contasse como foi isso, e me falou sobre o Jockey Club, as corridas, os pareos em que os cavalos corriam, e as apostas, e que ele havia ganhado muito dinheiro. No dia 13 de fevereiro de 1953 na Rua Bento Frias, 248 no Butantã, Vila Hípica do Jockey Club de São Paulo, vi muitos cavalos puro sangue sendo levados por cavaleiros apreciados por pessoas importantes, parecia Las Vegas em dias de jogos. Fui trabalhar em uma cocheira tomando conta de um cavalo, pois era familiar para mim, já que meu pai era fazendeiro. Trabalhava das cinco, as nove da manhã e das quinze às dezessete horas. Nos horários de folgas jogávamos bola aonde é o shopping Eldorado, onde havia sete campos. Voltávamos ao Jockey, tomava banho e almoçávamos. Descansava. As quinze horas nova jornada, até as dezessete horas. Tomava banho, jantava e ia estudar. A preparação do cavalo na parte da manhã era galopar na raia, a tarde passear na Vila Hípica, e quando fosse correr no fim de semana, dependendo da distância a preparação começava na segunda-feira com um trabalho forte. Na terça-feira descansava, e passeava, até um dia antes do páreo em que o cavalo era levado para a raia, dava um pique na raia de 200 a 400 metros, dependendo da distância do páreo. Hoje no Jockey existem 2.228

boxes, divididos em 86 grupos de 24 a 32 boxes em cada grupo. Cada um deles é comandado por um treinador, um segundo gerente e alguns cavaleiros. As segundas feiras na parte da manhã, os treinadores inscrevem seus cavalos aptos para correrem nos fins de semana. Cada páreo pode correr de um a 25 animais. O Jockey forma o páreo de acordo com a classificação dos cavalos em corridas ganhas. O Jockey oferece o prêmio conforme a importância do páreo. Os animais que chegaram do primeiro ao quinto lugar dividirão o prêmio em disputa. Os proprietários receberão o prêmio integral conforme a chegada do seu cavalo. O criador receberá 10% sobre o prêmio, o treinador 12%, o Jockey 10%, e o cavaleiro 2%. Existem em São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, diversos Haras para criação de animais Puro Sangue de corridas, e, quando chegam a um ano e seis meses de idade, são levados para o Jockey amansados nos picadeiros e preparados para correr. Antes de suas estreias na pista são levados para leilão no tattersal regado a whisky e outras bebidas. Aquele que arremata o animal escolhe o treinador para cuidar do seu patrimônio, cuja despesa mensal, alimentação e cavaleiros e assim sucessivamente. Em 1874, uns grupos de rapazes da alta sociedade foram passear em Paris, e foram ao Jockey Club assistiram o grande prêmio de Long Champs e voltaram para São Paulo entusiasmados. Se reuniram e fundaram o Jockey Club de São Paulo na Rua do Hipódromo, travessa da Rua Bresser na Mooca em 14/03/1875, sua primeira corrida foi em 29/10/1876, vencido pelo cavalo Macaco. Os anos se passaram e o local ficou pequeno para o sucesso da entidade. Tiveram que mudar. Havia dois locais para escolher, Cidade Jardim ou Parque Ibirapuera. Optaram por Cidade Jardim. Foi construído a partir de 1939 foram realizadas as primeiras corridas em 25/01/1941, e o Jockey tornou-se uma potência. Dinheiro não era problema, compraram o posto de monta, chácara do Jockey Club, e Jockey Club de Campinas, o único jogo que existia na época era corrida de cavalos, ser sócio do Jockey era "status".

Qualquer autoridade por mais importante que ela fosse era obrigatória sua passagem pelo Jockey Club de São Paulo. Uma das maiores festa que assisti foi na realização do grande premio quarto centenário. Vieram cavalos do mundo inteiro, até do Japão. Veio a Rainha da Inglaterra, o Principe Hiroito do Japão e vários presidentes. O ganhador foi o cavalo Tordilho chamado Quiprocó. Na delegação japonesa veio o Jockey Koichiro Nakagami, gostou tanto de São Paulo que nunca mais voltou. Após toda essa festança, descobri que os cavalariaços tinham um time chamado Caracas. Que fazia amistosos em vários bairros, algumas vezes até na 23 de Maio, onde tinha vários campos. Na maioria das vezes sempre havia alguma encrenca. Um dia fomos jogar no Maria Zelia e quebrou o maior pau. Saímos de lá corridos. Voltamos para o Jockey e após alguns dias tentamos marcar novo jogo. Quando percebia que era o Caracas, dizia que não tinha data, ai marcamos com outro nome, eles aceitaram, e nos preparamos para a revanche. Lotamos vários ônibus e até caminhão de cavalos. Chegamos lá na hora marcada, campo bem arrumadinho, cercado por tabuas brancas de mais ou menos um metro de altura. Jogo iniciado, após um bom tempo o pau quebrou. Não ficou nem uma tabua para contar a historia. Era gente correndo para todo lado. Rio Tiete atravessando a nado saiu ate tiro. Os ônibus e os caminhões voltaram vazios, saiu até no repórter Esso. Voltei para o Jockey, pensei no ocorrido e não mais participei dos jogos do Caracas. O restaurante do Jockey Club não fornecia jantar aos domingos, e sempre nos reuníamos no bar do Nogueira, sempre comia um pão com manteiga e um pingado. Certa noite estava me alimentando e um rapaz bem humilde me olhando. Eu disse:- Você quer? Ele disse: - Sim. Ele comeu dois pães com manteiga e dois pingados, paguei com o maior prazer, me senti leve. No dia seguinte, ganhei nas corridas. Passei uma temporada em Campinas montando, e voltei para São Paulo. Um dia fui visitar meus tios no alto da Vila Maria, conheci minha futura esposa, Noemia. Passei algum tempo no

Rio de Janeiro e quando voltei o namoro ficou serio. Casamos em primeiro de outubro de 1960.

Alugamos um imóvel na esquina da Avenida Vital Brasil com a Avenida Valdemar Ferreira, onde guardamos nossos presentes, e fomos morar com a minha irmã Gessy, depois com minha sogra na Rua Chico Pontes, 926 Vila Guilherme. Fomos buscar nossos presentes, notamos que algumas coisas haviam sumido. Mesmo morando em Vila Guilherme continuava lidando com os cavalos. Certa manhã não tendo o que fazer após o meu trabalho, fui ao picadeiro ver como estava a doma dos potros, quando cheguei havia um animal de mais ou menos 550 quilos trotando pelo picadeiro, perguntei o que havia acontecido e alguém me disse que ele havia derrubado 6 cotejadores e se eu queria montar. Não deixei por menos, montei no bicho e ele começou a pular. Pula daqui, pula dali, e lá fui eu pro chão. Trinquei 3 costelas e cheguei em casa a noite engessado. Minha esposa ficou assustada e disse que eu deveria trabalhar no escritório. Na manhã seguinte fui ao Jockey e encontrei o treinador de cavalos de nome Joaquim Moraes, e disse se ele poderia me ajudar arrumando uma colocação no escritório. Ele pediu para esperar, subiu ate a comissão de corridas, e falou com o diretor Antonio Luís Ferraz, tudo resolvido. Comecei a trabalhar no dia seguinte. O Jockey fornecia um ônibus para buscar e levar funcionários da Vila Hípica, até o Anhangabaú e vice versa. Comecei como continuo e em 6 meses tive 6 promoções. E após o nascimento da nossa primeira filha Margareth, compramos uma casa na Vila Constança. Uma grande conquista para nossa família. Pois o dinheiro ganho naquela época dava para pagar as despesas e ainda sobrava para investimento. Após o almoço no restaurante do Jockey, alguns funcionários voltavam para o seu setor para descansar, outros subiam para o andar superior para jogar snooker. Após o expediente alguns iam para casa, outros para quadra jogar futebol de salão. Após um bom convívio com meus colegas, notei que a única diversão entre eles era o snooker, a quadra, um campo

society e o campo de futebol na Vila Hípica. Em 1963, no dia 29 de Novembro nasceu nossa segunda filha Mariseth. Com o tempo fui mostrando meu valor e conquistando grandes amizades. Havia um diretor chamado Dr. Adelino de Almeida Prado, primo do presidente do Jockey Club, Dr. João Adhemar de Almeida Prado, que gostava muito de mim. Um dia me convidou para morar na Chacara Jockey Club. Era um local maravilhoso, 151.000 metros quadrados, 21 grupos de cocheiras, um total de 432 boxes, cada um com 12 metros quadrados, havia um belo campo de futebol, um lindo lago com um belo jardim em volta. Havia muitos peixes que as vezes se pescava Tilápia de 5 quilos. Só se pescava com autorização do administrador Sr. Matheus Della Torre. Aliás, um ótimo centro avante, havia dez residências, e um salão de festas. Fui morar na parte baixa onde existia 4 residências. Era um grupo de cocheiras com um corredor no meio, quarto de ração, escritório e garagem. Em cima ficava nossa residência com 2 grandes quartos, sala, cozinha e banheiro. Na chácara havia 35 funcionários, um viveiro, uma garagem para trator, carpintaria, hidráulica, ferraria, alguns boxes para guardar os esterco dos animais e após 30 dias era retirado e vendido como adubo para os agricultores. Havia uma grande balança para pesagem dos caminhões carregados de adubo. Era vendido por quilos. Mais a frente havia a cabine de força, e ao lado o silos para guardar e vender ração para os treinadores, e dois cercados para animais, tudo isso na parte baixa. Em cima a entrada principal da chácara, um bom restaurante, um lindo vestiário, campo de futebol, um picadeiro, um viveiro e um alojamento para funcionários, um museu do cavalo e e um escritório administrativo. A disciplina era rígida. Não se podia fazer nada, até colher uma flor sem autorização do administrador. Cada grupo de cocheiras continha além dos boxes, um quarto de ração, um escritório e um alojamento para os cavaleiros. Em volta do campo havia uma raia para trotar e galopar os animais. As segundas feiras alguns animais eram levados para o

embarcadouro e embarcados nos caminhões de cavalo para trabalhar (correr) forte a distancia que eles iriam correr nos fins de semana. Para participar das corridas nos fins de semana, o procedimento era o mesmo. Após as corridas em Cidade Jardim, voltavam para chácara. Na Vila hípica havia uma balança para pesar animais e uma veterinária com um profissional para atender casos de emergência. No Hipódromo em Cidade Jardim havia um grande prédio administrativo, um estacionamento e um belo jardim, e uma escola modelo da América do Sul. Uma cooperativa criada pelo Dr. Adelino. Uma balança para pesagem de animais, uma veterinária com alguns boxes para operação e alojamento de animais com problemas. Perto dali um deposito de forragens e algumas ferrarias. E no centro da Vila Hípica duas selarias. Havia três raia sendo duas de areia e uma de grama. Todos os dias na parte da manhã os animais eram levados para o paddock para galopar, trabalhar forte e participar das corridas. Cada cavaleiro responsável pelo cavalo que iria participar das corridas ia até o vestiário, retirava uma farda para levar os animais para as corridas. Após as corridas, a farda era devolvida perto da chegada de cada páreo havia duas grandes arquibancadas para o povão e outra para os sócios e convidados ilustres. Existiam camarotes com os nomes dos proprietários fechados com correntes para que só eles pudessem usar. A foto do cavalo ganhador era tirada na arquibancada social. Todas as arquibancadas tinham restaurantes, lanchonetes, guichê de apostas, mais a frente das arquibancadas havia o prédio do paddock com uma pequena arquibancada, lanchonete e casa de apostas. Eram frequentados por proprietários, criadores, treinadores, jockeys, aprendizes e cavaleiros. Havia também um pequeno prédio em frente a chegada dos cavalos usados pelos comissários decorridas para julgamento de alguma ocorrência durante as corridas. Em volta da raia existiam algumas cabines que filmavam as corridas para futuro julgamento. Antes das arquibancadas existia um prédio da comissão de fomento onde todos os

cavalos puro sangue eram registrados. Existia também um hospital com 22 médicos com varias especialidades que após examinar o paciente passava a receita com o nome do remédio que era retirado na farmácia do hospital gratuitamente. Além disso, ainda mantinha um convenio com o hospital São Luís para casos mais graves. Todo natal ganhávamos uma cesta tão grande que era difícil consumi-la. Toda criança que nascia, os pais ganhavam 6 latas de leite ninho por semana. Ganhávamos duas gratificações por ano. Era uma entidade maravilhosa para se trabalhar. Foi lá que trabalhei durante 66 anos, criei meus filhos e netos. Era um orgulho ser funcionário do Jockey. Quando Jânio Quadros assumiu a presidência da Republica, proibiu as corridas de cavalos de segunda a sábado. Permitido somente aos domingos. Proibiu ainda a frequência de menores ate 18 anos. Tombou um terreno, no Largo São Francisco e o Jockey perdeu milhões, e os frequentadores envelheceram. Na época o presidente do clube era o Sr. João Ademar de Almeida Prado, presidente do Banco de São Paulo que fez uma grande gestão; nada nos faltou. Durante a revolução em 1964, havia uma campanha elaborada pelo governo com os dizeres “ouro para o bem do Brasil”. Os sócios do clube, proprietários, criadores, funcionários e profissionais do turfe, contribuíram com ouro alianças e dinheiro colocou em uma grande sacola e nomearam Adélia, secretaria do presidente do Jockey e eu Guimarães para levarmos as contribuições para a Rua Sete de Abril, sede dos jornais, diários associados, cujo titular era o Sr. Assis Châteaubriant. Entregamos a encomenda, voltamos para o Jockey. Não me senti bem, pois não sabia para que fim era o ouro e dinheiro dado com tanto sacrifício. Naquela época meu irmão Juacy era alta patente da aeronáutica e um dos fundadores do SNI ligado diretamente aos presidentes militares da republica, vivia em Brasília e em São Paulo. Seu ultimo escritório foram os dois últimos andares do prédio do Ministério da Fazenda, ao lado Av. Senador Queiroz. Lá só entravam pessoas ligadas ao SNI.

Suas ações sempre foram justas. Deixou um grande legado para o nosso país. Dia 5 de fevereiro de 1965 nasceu nossa terceira filha Mavelin. Três lindas meninas que Deus nos deu de presente para enriquecer nosso lar. Enquanto isso eu continuava ligado ao esporte. Sempre ia a quadra ver os treinos e jogos amistosos, e comecei a gostar. Lancei um campeonato interno entre seções e foi o maior sucesso. Esse torneio se repetiu por alguns anos. Sendo que no primeiro semestre era futebol de salão, e no segundo semestre futebol de campo. Fazia também fora do expediente prova pedestre para adultos e crianças, filhos de funcionários, meninos e meninas. A Associação dos Funcionários era a mais forte entre as existentes. Sempre fazia amistosos de futebol de salão nas categorias juvenil e principal. Um dia o colega Jose Novaes arrumou um amistoso com o Estrela da Saúde e provocou dizendo que não ganharíamos do adversário. Realmente os times do Estrela eram muitos bons. Foi difícil ganhar. E quando os jogos são difíceis, sempre há provocações. Passado alguns tempos fomos retribuir a visita. E quando os jogos acabaram se não fosse a policia, não sairíamos de lá. As equipes eram tão boas que nos encorajou a inscrevê-los na Federação Paulista de Futebol de Salão. Em 1971 estreamos contra o Clube Atlético Ipiranga e ganhamos por 5x2. Ficamos muito feliz pela vitória pois o Ipiranga era uma das equipes mais forte do campeonato. Nesses jogos o transporte era feito por um ônibus muito antigo cedido pelo Jockey. E tínhamos sempre a preocupação de que ele quebrasse no percurso. Nosso segundo jogo foi no Círculo Militar, todos entusiasmados pela vitória na estreia, alguns deles sem que eu visse foram na mala de massagem pegaram o éter, cheiraram. A nossa atuação foi um desastre, perdemos por 7x2. Nunca mais levei éter para os primeiros socorros. Fechamos nossa participação na Federação, com um saldo bem positivo. O que nos encorajou a participar novamente em 1972. Durante o campeonato novamente no Circulo Militar, pedi tempo para orientar a equipe. Foi quando o Evandro

que estava no banco de reservas, se dirigiu a mim e disse: - Você não entende nada. Fiquei muito decepcionado percebendo que o tempo dedicado a eles havia sido em vão. A partir daquela data, além deles, passei a cuidar dos filhos dos funcionários do Jockey. Na quadra ao lado da Tok Stok, sempre as segundas feiras a noite porque era o único dia livre que eu poderia usar. Comecei treinando 5 garotos, e em volta da quadra lotada de crianças, que não podiam treinar porque não eram filhos de funcionários. Eu não entendia porque tamanha discriminação. Ficavam muito triste e penalizado vendo algumas crianças se divertindo e elas não. Comecei a pensar, deve haver alguma maneira de contornar o problema. Pensei no colega Jose Carlos Pinto Ricci que trabalhava no serviço social, e que a muitos anos atrás formou uma equipe de jovens que assistiam as missas aos domingos pela manhã. Ganhavam lanche e depois iam treinar. Quem não assistia a missa, não treinava. Com o tempo, aqueles jovens cresceram e as missas não foram mais celebradas. O nome dado por ele foi Pequeninos do Jockey. Me deu um estalo. Porque não usar o mesmo nome? Ficou denominado Clube Pequeninos do Jockey. Em maio de 1970 pedi para todos os presentes entrarem na quadra, inclusive pais. Pedi para as crianças que se sentassem e comecei a palestra. Os olhos daquelas crianças fixados em mim brilhavam; e eu era só felicidade, pelo poder de dar a elas a oportunidade de se divertirem fazendo o que mais gostavam que fosse jogar bola. Para tanto teriam que estar estudando, ter boas notas e não repetir o ano. Os pais teriam que formar uma comissão para angariar fundos entre eles, para a compra de bolas de futebol de salão e de campo, e uniformes para jogos. Depois de alguns treinamentos de preparação, escolhi uma equipe para participar do torneio Gazetão, promovido pelo Jornal Gazeta do Taboão. Foi lá que eu conheci a família Donnini e o Marcio Sanzi. Começamos uma grande amizade. Participou conosco o Murici, Colonezi, Victor Hugo e Mané. Era um timaço, mais não tinha goleiro. O Murici ia na casa do

Ch[ú (Wilson Luis Ferraz Donnini) filho do Dr. Oduvaldo Donnini. Busca-lo para completar a equipe, pois ele era goleiro. Participei do torneio como treinador e juiz dos jogos. Muito divulgado através dos jornais, as portas se abriram para nós. Convite para amistosos e torneios não faltavam. Nosso primeiro amistoso internacional foi contra o Chimizu do Japão. E a participação do torneio do Defe, Campeonato Dente de Leite idealizado por Eli Coimbra, José Astolphi, e Roberto Petri. Era muito concorrido, centenas de equipes participavam. As reuniões eram realizadas as quartas feiras na Agua Branca a Rua Germaine Buchard, 451. Todos os dirigentes presentes havia julgamentos de problemas disciplinares, e apreciação da tabela dos jogos dos fins de semana. Participava também dos jogos mirins de São Paulo, promovido pela Secretaria Municipal de Esportes. Em todas essas atividades torcia pelos garotos e vibrava como se fosse meus filhos. Em 4 de outubro de 1971 já com muitos filhos do coração, nasceu nosso filho Maron Marcel Guimarães, felicidade total. Quando ele começou a andar aonde eu ia estava sempre comigo. Era o meu maior troféu. Participava de torneio de futebol de salão representando o Kosmos de Nova Iorque, a Associação Brasileira a Hebraica, e Banco do Brasil. Defendia as cores dessas equipes com atletas do nosso clube que jogavam como militantes. E em todas as faixas etárias eram bastante competitiva, sempre ganhávamos títulos. Quando Arbaitmam ganhou a eleição para presidente da Hebraica e proibiu a participação de militantes nas equipes. Fiz uma reunião com ele, e disse que as equipes sem os militantes seria um saco de pancadas. Perderiam de goleadas, e que eu estava fora. Fui para o Banco do Brasil com grandes equipes, (Pirilo, Edú Manga), ganhamos vários torneios, e depois de alguns anos vividos no clube passamos a gostar da entidade. E numa festa de encerramento, homenagearam o Pirilo como o melhor jogador do ano, e no fim da festa avisaram que não haveria mais militantes. Falei aos diretores que estavam cometendo os mesmos erros da Hebraica. Que após sofrerem goleadas e mais

goleadas, os militantes voltaram. Agradei e fui cuidar só dos Pequeninos. Em 1978 a equipe de 12 anos foi campeã do Defe. E o premio para aqueles que passassem de ano seria uma viagem para Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. E em janeiro de 1979 pegamos o ônibus do Defe e seguimos viagem. Chegamos em Santa Catarina, dormimos no ginásio, e os dirigentes em um belo hotel. Reclamei, porque esse privilegio? Eles não gostaram e ficaram indiferentes comigo. Não gostei, porque os atletas é que eram os artistas que iriam representar o Estado de São Paulo. Passeamos de barco pelo Rio Itajaí, tiramos varias fotos, e no dia seguinte, estreamos contra o Palmeiras de Blumenau, e ganhamos por 3x0. Havia uma família que acompanhava a nossa delegação com seu carro, e que em qualquer estabelecimento que entrasse levava alguma mercadoria sem pagar, dizendo que era uma recordação, principalmente cristais. Passamos um dia na praia de Toledo, e seguimos para Porto Alegre. Fomos recebidos pela direção do Grêmio Porto Alegrense que nos mostrou todas as dependências do Olímpico. Passamos dias maravilhosos, conhecemos Gramado, Canela e a Cachoeira do Caracol, mais ou menos 80 metros de altura. Fizemos outros passeios, e chegou o grande dia de enfrentarmos o Grêmio. Eles tinham uma escolinha de 850 alunos, e na nossa faixa etária diziam que era muito boa. A nossa equipe fez uma exibição de gala, e vencemos por 3x1. Todos felizes, voltamos para São Paulo. Ai comecei a preparar as equipes para competir em futuros torneios, 12 anos Dentinho A, 11 anos Dentinho B, 14 anos Dente de Leite A, 13 anos Dente de Leite B, 15 anos Dentão B e 16 anos Dentão A. voltando as equipes que disputaram o torneio da Federação Paulista de Futebol de Salão, todos eles se destacaram como médicos, advogados, engenheiros e outras profissões, e dois deles da equipe juvenil foram profissionais. O Mario Felipe Peres apelidado de Tata jogou no Juventus, Portuguesa de Desportos e Santos. Foi auxiliar técnico do Murici em vários times que ele dirigiu. O Darcy Marques Junior que

morava perto do Jockey, quando ia busca-lo para treinar, as vezes se escondia para não vir aos treinos.

Um dia estava na Vila Hípica, me encontrei com o Rato, técnico do Corinthians, e ele me disse: -

Guimarães estou precisando de um garoto alto e forte para jogar na zaga do timão. Respondi que tinha

um garoto alto e forte muito técnico, e que havia feito 54 gols, e era o artilheiro da Federação, não sei

se serviria para você. Ele respondeu: - Mesmo assim manda ele lá. Algum tempo depois vendo ele jogar

a técnica desapareceu, na realidade parecia um pitbul ou um competidor de vale tudo. Um dia ele me

procurou dizendo que iria dar uma porrada no técnico Luizinho, o pequeno polegar. Perguntei por que

ele disse que não foi treinar e o Luizinho deixou na reserva. Eu respondi: Você é louco? Como é que você

não vai treinar e quer ser titular. Se você fizer isso sua carreira acabou. Porque Luizinho é um ídolo do

Corinthians e você está apenas começando. Foi campeão pelo Corinthians em 1977. E, quando fez o gol

de pênalti disse que era o gol Guimarães. Participamos de um torneio de futebol de salão no Scarlat

Club na Lapa, e os dois times do Pequeninos chegaram as finais. Havia um diretor da AABB chamado

Marechal que nos acompanhava, chegou a mim e disse: - Guimarães nunca fui campeão de nada e

gostaria de ser campeão hoje dirigindo o time A. Respondi que não tinha problema, ele poderia dirigir a

equipe A e eu ficaria com a B. A B ganhou por 3x0, sem comentários. Os dirigentes do São Paulo e do

Jockey Club, eram uma família. A maioria dos sócios do Jockey eram sócios do São Paulo e vice versa.

Muitos deles conselheiros. Eu já gostava do São Paulo desde 1951, no Canindé. E quando mudou para o

Morumbi em 1956, ficou mais fácil a frequência nos dois clubes. Todos os meses o São Paulo sorteava

um Volks para ajudar na construção do estádio. Eu era um fiel comprador. Comecei a frequentar as

dependências do esporte amador. Qualquer garoto que eu via jogar e tinha qualidades, eu levava para o

Morumbi. Estava tudo no começo as construções e para chegar até o campo subia uma escada feita de

improviso de terra. Quando chovia ficava escorregadia, e se caísse de lá era acidente na certa. Fiz amizade com o Celso e vi aqueles garotos treinando, alguns dando tudo de si, outros encostando o corpo, não estavam nem ai. Vi até alguns provocando expulsão para não jogar na semana seguinte e viajar para praia. Muitos deles não foram profissionais. Um dia marquei amistoso com o Celso para ver como estava a minha equipe, perdemos de 27x0. Depois 22, 18, 14, 10. Eu disse a ele: - Celso, vamos apostar uma pizza, você mesmo vai apitar e não vai ganhar de 8 pra cima. Apesar de ser tendencioso na arbitragem não conseguiu passar de sete. Lá fomos nós comer a pizza, ele e sua esposa Isaura, eu com a minha esposa. Fomos à pizzaria na Av. Rebouças no sentindo cidade, após a Av. Brasil do lado esquerdo. Saboreamos uma deliciosa pizza. Após algum tempo a Groselha Palhinha lançou um campeonato Dente de Leite que era televisionado pela TV Gazeta. Ganhamos do São Paulo por 2x0. Foi um terremoto no Morumbi. Diziam que os Pequeninos estavam cheio de gatos. Procuraram e nada acharam, desculpa de perdedores. Todas as vezes que o São Paulo contratava um novo treinador eu era convidado para almoçar ou jantar com ele, me sentia útil e prestigiado pelo tricolor. Qualquer festa ou churrasco que houvesse eu era o primeiro a ser convidado. Os Pequeninos faziam preliminares dos jogos importantes do São Paulo, no campeonato Paulista e torneio Rio São Paulo. E quando o adversário não tinha equipes menores as duas equipes eram representadas pelo o Clube Pequeninos do Jockey. Num jogo São Paulo e Palmeiras nós ganhamos por 7x0. Toda a comissão do Palmeiras caiu. Era maravilhoso ver a felicidade daquelas crianças jogando no Morumbi, estádio lotado, como se fossem profissionais. Bons tempos aqueles. Um dia levei um garoto para treinar com o Celso, ele olhou para o moleque e me disse. Guimarães sem chance. A bola pode bater nele e machuca-lo. Esse garoto era o Aritana que algum tempo depois ele foi busca-lo na chácara. Coisas do futebol. A afinidade entre o São Paulo e o Jockey

Club era tão grande que os irmãos elegeram-se presidente. O Dr. Antonio Leme Nunes Galvão presidente do São Paulo e o Dr. Mario Ribeiro Nunes Galvão presidente do Jockey Club. O Clube Pequeninos do Jockey era o primo pobre de ambos. E o Guimarães criador dos Pequeninos fazia de tudo para merecer a confiança deles. Qualquer departamento que o Guimarães frequentava era recebido com tapete vermelho. As equipes infantis do São Paulo Futebol Clube eram comandadas por treinadores e cada categoria tinha seu paraninfo. Conforme sua conta bancária. Para pagar com seu dinheiro os atletas São Paulinos. Havia um contrato verbal com o Celso, técnico do São Paulo que qualquer atleta que eu levasse para o Morumbi até os 16 anos que se eu precisasse para disputar qualquer evento, ele voltaria para o Pequeninos do Jockey. Em fevereiro fui ao Morumbi comunicar que 3 garotos que estavam no elenco do São Paulo, cedidos pelo Pequeninos iriam para a Europa conosco. Naquela época em 1984 o diretor financeiro que pagava aos atletas era o Vidigal, e o técnico já não era mais o Celso, vaga ocupada por Firmo que trabalhava no escritório, me disse ele que eu teria que falar com a diretoria, pois ela havia investido nos garotos. Eu respondi que quem havia investido fui eu, e que eu cedi a eles sem receber nada em troca, e que meu trato verbal foi com o Celso e não com a diretoria, e que você Firmo teria que resolver o problema. Ele começou a engrossar. Eu disse para você não perder a autoridade sobre os garotos, é melhor você deixar porque eles vão de qualquer jeito. Ia saindo aborrecido quando encontrei o Forlan ele me perguntou o que aconteceu Guimarães? Conte a historia ele me disse: - Entre a incerteza de permanecer aqui, e uma certeza de uma viagem para Europa, não tenha duvidas de que a Europa é o caminho. Os garotos viajaram e depois voltaram ao Morumbi. Em algumas festas promovidas pelas entidades, sempre estávamos presentes, e os profissionais da imprensa escrita, falada e televisada também. Eles sempre brigavam com alguns diretores do São Paulo,

dizendo: - Vocês exploram os Pequeninos do Jockey e nada dão em troca. Em maio de 2005, convidamos o Dr. Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa para participar das comemorações da data do aniversário do Clube Pequeninos do Jockey. E a imprensa estava lá. Meia hora depois chegou o Dr. Marcelo. Após alguns discursos, o presidente do São Paulo, pediu a palavra, tirou um papel do bolso, se dirigiu ao Fiori Giglioti profissional da TV Bandeirantes e disse: - Vocês estão sempre cobrando que o São Paulo não faz nada pelo os Pequeninos. Aqui está um documento assinado por mim e pelo o Dr. Juvenal Juvêncio diretor de futebol, Dr. Kalil e Dr. Osvaldo. A partir de hoje qualquer garoto que ele levar para o São Paulo e forem vendidos no Brasil e no exterior, o Pequeninos terá direito a 5%. A confiança era tanta que não precisava de contrato. Sua palavra bastava. Mesmo assim guardei o contrato. Em 2008 o Dr. Juvenal Juvêncio foi eleito presidente. E junto com José Geraldo de Oliveira, gerente das categorias de base de Cotia me convidaram para um bate papo argumentando sobre os novos planos da diretoria eleita. E que ele iria criar 3 núcleos para a descoberta de novos valores. Um no Botafogo de Guaianazes, outro em Guarapiranga e outro na sede do Clube Pequeninos do Jockey. As terças e quintas feiras usando os 4 campos e as demais dependências. Me disse ainda que iria fazer um novo contrato de 10% de cada jogador que fosse para Cotia e fosse vendido para o Brasil e o exterior. Agradei e disse que suas palavras bastavam, pois era um grande documento. A confiança era total. Começamos o projeto em agosto de 2008. Vieram de Cotia, José Silva, Alberto, Orlando, alguns estagiários e alguns colaboradores dos Pequeninos para ajudar. Fizemos uma ficha para registrar a presença dos atletas. Mas a procura era tanta, vinha 120 garotos por dia. Desistimos e combinamos que todo atleta que fosse aprovado e levado para Cotia eles nos mandariam um comunicado com o nome do jogador. Tudo ia muito bem até que em dezembro de 2011 alguns clubes haviam copiado o modelo do São Paulo. O

Vasco foi um deles. Quando um garoto morreu em seu campo de treinamento por falta de cuidados médicos. A partir daquele acidente qualquer núcleo teria que ter ambulância, um medico, um enfermeiro, um massagista e um desfibrilador. Todos os clubes desistiram, achando que a despesa era muito grande. Fechado os núcleos Cotia mandou para nós a relação de jogadores oriundos do núcleo do Pequeninos do Jockey. Todos aqueles estavam naquela época na faixa etária entre 7 e 12 anos. Naquela relação o primeiro a ser vendido foi o Luis Pirulito, que foi para o Porto de Portugal por 3 milhões de Euros como parte do pagamento do zagueiro Mike (metade do valor). Pedi a secretária do presidente Leco para marcar uma reunião com ele e fui recebido pelo seu assessor Sr. Marcio que nos atendeu muito bem e mostrou boa vontade em resolver o problema. O tempo passou e nada aconteceu. Passado alguns meses venderam o Tuta, por 1.800.000,00 mil Euros para o Eintrach Frankfurt. Comunicamos novamente ao São Paulo sobre os direitos do Pequeninos conforme o contrato, e eles nada responderam. Falei com alguns amigos ligados a diretoria para resolver o problema amigavelmente, e nada adiantou. Fui procurado pelo Chapecó diretor em Cotia e que trabalhou comigo, na Central Brasileira de Cotia para um bate papo no seu escritório, perto do Jardim Sul. Pediu ele sigilo no caso e disse que ia resolver o problema. Após uma semana, me disse que o caso estava resolvido, que eu procurasse o Serafim. Liguei para ele que pediu para ligar para outro e outro. Ai senti que estavam fazendo pouco caso, e percebi que a atual diretoria não tinha os predicados das diretorias anteriores. Não restou para mim outra saída a não ser colocar na justiça. Estamos aguardando o desfecho da ação. Quando abri as portas para que todas as crianças treinassem na quadra fiz um amistoso de futebol de salão, no parque da Mooca e quando terminou seguimos para o ponto de ônibus para esperar o

coletivo. Caiu a maior chuva, tive receio de algum afogamento. Chegamos em casa 2 horas da manhã do dia seguinte. Outros amistosos aconteceram e havia 2 garotos importantíssimos para o nosso plantel, e eu tinha muito receio de perde-los, mais os mesmos me criavam grandes problemas, em todos os jogos que participavam arrumavam brigas. E em uma noite jogando no Açaí Clube no Brooklin arrumaram a maior confusão. Coloquei a molecada no ônibus, deixei os dois lá e voltei com os outros garotos para casa. E casei o mandato deles. A partir daí o numero de atletas triplicou. Quando treinava a AABB possuía uma Brasília que após o expediente as terças e quintas feiras, passava pela quadra, presidente Altino, Vila Militar, Jardim Santo Antonio em Osasco. E certa noite fui parado pela rota e os militares desceram com metralhadoras nas mãos, cercaram o carro e quando viram aquele monte de crianças baixaram as armas, me cumprimentaram e foram embora. Aquele time campeão em 1978 que viajou para o sul em janeiro de 1979, era muito bom. Tão bom que as vezes faziam amistosos com times mais velhos e eles ganhavam. Onde houvesse festivais, amistosos, e campeonatos nossa presença era obrigatória. E sempre saíamos vitoriosos. Em 1981 fomos convidados para participar de um torneio internacional em São Carlos. Durante os nossos jogos havia uma pessoa sempre presente. Fui ao seu encontro e perguntei quem era. Ele respondeu: - Que era o professor Pedro Luís do Prado Filho, que levava garotos a Europa para disputar os maiores torneios do mundo, e que a nossa equipe era muito boa e se eu queria disputar as maiores copas do mundo de futebol infantis. Eu pensei comigo, caramba um sonho quase impossível achava que não tínhamos estrutura para tal. Mas pensando bem de louco sempre temos um pouco. Vamos pensar me dê o seu contato. O nosso time foi campeão ganhando do Olímpia do Paraguai por 1x0. Com essa vitória nós os garotos e os pais começaram a trabalhar rumo a Europa em 82. Nossos treinos e reuniões eram realizados as segundas feiras a noite na quadra do

Jockey. Certa noite apareceu por lá um norueguês alto e forte de nome Egil Johannsen que contou sua história dizendo que viera para o Brasil em 1957 e foi morar no Brás, começou a fabricar mortadela e salame para vender e depois fundou o frigorífico Chapecó em Santa Catarina. Ficou milionário e voltou para Noruega, e que estava ali para nos ajudar a realizar nosso sonho. Aquela reunião nos encorajou bastante. E a cada dia que passava acreditávamos que a viagem iria acontecer. A euforia era de todos, atletas, pais e eu. Quando fizemos nossa primeira reunião no salão de festas da chácara do Jockey, vieram 65 casais. Quando souberam dos preços das passagens, euro passe, e outras despesas, muitos desistiram. Na segunda reunião vieram apenas 5 casais. Fizemos um sorteio de um carro, e quebramos todos os tabus do Jockey colocando o veículo em exposição para a venda dos bilhetes a serem sorteados. Consultamos a Fly Tour sobre o preço das passagens aéreas que nos ofereceu os preços da LAP (Linhas Aéreas Paraguias), que possuía aviões antigos usados pela Varig, e após um bom tempo de uso, eram vendidos para a LAP. Na segunda feira seguinte na quadra fomos procurado por 3 rapazes de um departamento de turismo do Banco Itau que entrou na concorrência para nos vender os bilhetes aéreos. Apresentaram um preço bem maior que a LAP. Dissemos a eles que tínhamos um preço bem melhor que o deles. Eles perguntaram é a LAP? Respondemos que sim. Eles argumentaram que era perigoso viajar pela LAP pois os aviões eram muito antigos e poderiam cair. Argumentamos: - Então vocês acham que um piloto em plena faculdade mental iria pilotar um avião sabendo que ele ia cair? Só se fosse kamikaze. Viajamos com a LAP. Quando voltamos da Europa e chegamos ao solo brasileiro, cheio de glórias fomos abraçados pela imprensa escrita, falada e televisada. Porque havíamos conquistados 4 títulos e a Seleção Brasileira não. Até aquela data ninguém pagava mensalidade, não tinha estatuto e o presidente era o Sr. Abílio Sales Ventura. Como todos gostam de glória, alguns pais se

reuniram fizeram um estatuto copiado pelo estatuto do São Paulo registraram o clube no cartório e começaram a cobrar mensalidade. Bons tempos àqueles quando tudo era de graça. Nosso primeiro campo para treinamento usado pela categoria foi o do Colégio Alberto Torres, na Avenida Vital Brasil ao lado da USP e do Instituto Butantã. Havia um riacho ao lado do campo e quando chovia era impraticável o seu uso. O diretor do colégio era o Sr. Osiro Silveira, muito querido pelos alunos, pais e comunidade. Saiu candidato a deputado estadual e colocou em sua chapa o meu nome como vereador. Não aceitei. Fiquei feliz por ele ter sido eleito. Quando voltamos da Europa mesmo sem estatuto eu escolhia uma pessoa de minha confiança para presidente. Pois o meu maior prazer era ser técnico e estar com as crianças. Após o registro do clube o presidente foi o Sr. Antonio Gabriel Inglês. E o seguinte foi o Sr. Airton Polo, que vendo o numero de crianças aumentarem a cada dia dirigiu-se a direção do Instituto Ana Rosa da Fundação Barão de Souza Queiroz. Após um bom bate papo eles autorizaram o uso do local. Era um lugar maravilhoso, bem localizado na Vila Sonia, na Avenida Professor Francisco Morato. Convocamos pais e atletas, fizemos aquele mutirão. Na parte de cima já havia um campo sem uso e muito maltratado, foi preciso muito trabalho para deixa-lo em condições de uso. O que nos ajudou é que no campo havia arquibancada e iluminação. Na parte de baixo havia uma casa, que usamos como escritório, e um campo society. A cada dia aumentava mais o numero de garotos e ai conseguimos mais espaço, o campo da TV Gazeta em frente ao Carrefour na Eliseu de Almeida. O Espadinha na Avenida Pirajussara continuação da Eliseu de Almeida, o 16º Batalhão com 3 campos na Avenida Corifeu de Azevedo Marques. Chegamos a ter 3.500 alunos. Em todas as praças de esportes fazíamos seleções e só os melhores é que poderiam jogar na chácara. Era o sonho de todos. Todas as praças de esportes usada por nós, nenhuma delas pertencia aos Pequeninos. Foi em 1990 fui a sub prefeitura do Butantã na Rua

Ulpiano da Costa Manso, procurei o diretor regional e disse se ele poderia doar uma área para o Pequeninos construir sua sede. Ele era candidato a um cargo eletivo e me disse que criança não vota, eu retruquei; - Mais os pais, avós, tios votam. Estava presente seu assessor de nome Precioso, muito simpático que sugeriu um terreno ao lado do Rebouças, e que havia um pedido do hospital Albert Einstein, para estacionamento de ambulâncias. O Precioso nos ajudou a fazer o pedido para a prefeita Luiza Erundina, em 1991. Ela analisou os pedidos, e escreveu que entre ambulâncias e crianças, não há duvida de que o terreno é das crianças. Agradecemos muito ao Precioso que tornou-se um grande amigo nosso. E o candidato não foi eleito. Tudo acertado fomos ver o local. Era uma praça de 42.000 metros, 24.000 metros deles ocupado pelo Rebouças. Os 18.000 restante ficou para os Pequeninos. O local fica na Rua Frei Bonifácio Dux, 160 – Jardim Colombo. Quando entramos no local não tivemos boa impressão. A parte do Rebouças era plana, e a parte dos Pequeninos bem mais baixa. E bem mais baixa ainda do lado esquerdo paralelo a rua havia uma lagoa onde morria muita gente afogada, andamos um pouco mais a frente tinha uma casinha feita e coberta com cimento para moradia de uma família. Quando chovia era goteira para todo lado. Ao lado da casa um campo society e a direita um clube de malha e um bar que vendia de tudo desde whisky até a malvada pinga, e os sanduiches eram servidos sem nenhum tipo de higiene, e o local dos Pequeninos tinham alguns drogados. Nossa primeira atitude foi contratar um soldado para morar na casa, para evitar a entrada de visitantes indesejados. Deu certo. Fizemos amizade com o Sr. Miguel presidente do Rebouças, ele me mostrou um terreno vazio onde poderia ser construído o Clube de malha. Tudo pronto nos dirigimos ao diretor do clube de malha para que ele se mudasse para um local mais novo, e bem maior do que o antigo. Ele começou a criar um monte de problemas para levar vantagem. Era um português que tinha dois mercados, uma

caminhonete Chevrolet novinha e convocava reuniões na regional, deixava seu veículo bem longe do local, dobrava a barra das calças colocava um chinelo e ia para a reunião, e se portava como um coitado, dizendo que nós queríamos prejudicá-lo. Essas reuniões aconteceram mais vezes. Foi quando conheci o Carioca que era o responsável pelas máquinas que fazia limpeza do bairro. Conteí o caso para ele que se prontificou a observar o comportamento do mesmo. Quando viu que nossas informações eram corretas, foi ao clube procurou o português e disse a ele: - Você tem 2 dias para deixar o local. Após essa data vou trazer as máquinas e derrubar tudo. Prazo terminado chegou as máquinas. O português ficou na frente das máquinas e disse daqui você não passa. O Carioca respondeu: - Você vai sair por bem ou por mal? Ligou a máquina e avançou. O português saiu correndo, e tudo foi demolido e limpo. O Carioca foi mais um amigo que conquistamos na regional. Construímos uma casa para o caseiro e contratamos um PM para tomar conta do local. A vizinhança pediu para construir uma guarita do lado esquerdo na entrada do portão principal, e que iria contratar dois guardas para vigiar as residências. Achamos interessante porque iriam manter a ordem no local. Construímos uma secretaria, uma sala de esportes, e uma sala para diretoria, e um salão para reuniões e guarda de troféus e uma lanchonete. Enquanto isso usávamos somente o campo society. Um pai de uma menina de um time feminino que possuía uma terraplenagem se prontificou a nos ajudar, trazendo terra de outro local para aterrar a lagoa. Caminhões e mais caminhões foram colocados ali e aterrados com máquinas e rolo compressor. Soube que ele ganhou muito dinheiro de onde ele tirou a terra e de onde ele colocou. Algumas vezes tentamos treinar mais havia muitas pedras. Fazíamos mutirões para retirá-las, mais sempre aparecia mais. Contratamos alguns caminhões com terra boa, espalhamos, passamos o rolo compressor, aí sim ficou em condições de uso. A mesma pessoa contratada para beneficiar o campo se prontificou a fazer a arquibancada. Passado

algun tempo recebemos uma intimação trabalhista que não tinha nada haver conosco, e sim com o construtor da arquibancada. No dia da audiência o reclamante apresentou ao juiz um recibo cujo nome não era o dele. Nosso advogado era um ex atleta que não conferiu o documento. Perdemos a causa. Pagamos em prestações. Estávamos muito bem na chácara mais sempre havia uma ameaça das autoridades de ficarem com a Chácara porque o Jockey não pagava o IPTU. E a cada vez as dívidas aumentavam. Uma delas foi a venda para a prefeitura no governo da Marta Suplicy por 30.000.000 de reais. O Jockey devia R\$ 14.000.000 de reais. A prefeitura daria ao Jockey R\$ 16 milhões, e o terreno passaria para o poder publico. A Marta viria de helicóptero até a Chácara para fechar o negócio, não apareceu. Outras propostas apareceram, e nenhuma delas vingou. Pois o Jockey estava cheio de dívidas. A nossa permanência na Chácara ficava a cada dia mais difícil. Então, aos poucos comecei a preparar a minha mudança. Havia uma estrutura de ferro de 17 metros de comprimento por 6 de largura doada pelo Valter Alexandrino do 79. Fui à subprefeitura pedi a eles para retirar a estrutura e levar para o Jardim Colombo. Mandaram um engenheiro verificar como deveria ser feito. Disseram-me que era muito difícil desmontar e levar para o jardim Colombo. E ergue-la novamente. O valor que eles iriam gastar, nós fizemos com 10% do valor apresentado. Fiquei muito aborrecido, fui até lá e falei algumas verdades para quem me atendeu. Fechamos o galpão com tijolos e passamos a utilizar de várias maneiras. Desmontei o telhado da garagem onde morava na Chácara e levei para o jardim Colombo, para fazer cobertura nas construções já existente. Construímos duas churrasqueiras uma biblioteca, 5 vestiários, uma cabine de força, um depósito, uma enfermaria, ampliamos a casa do caseiro. Na época o Dr. Marco Aurélio Cunha, são paulino roxo candidatou-se a uma vaga de vereador na câmara municipal de São Paulo. Eleito me disse: - Gosto muito de seu trabalho. Vou te ajudar colocando grama sintética

nos dois campos de sua praça de esportes. E cumpriu o que prometeu. Algum tempo depois o meu filho Maron disse que ele iria construir 2 campos society sintéticos no local. Disse a ele que era muito caro. Ele me respondeu: - O que recebemos da sociedade, uma parte temos que devolver. Construiu os dois campos. Em um churrasco no Jardim Colombo dos atletas nascidos em 1968 a 74, disse a eles que gostaria muito construir junto ao galpão de ferro um memorial para guarda de troféus. No meio dos atletas apareceu um e disse: - Eu vou construir. Só preciso da ajuda de vocês para construir a obra. Perguntei: - Por que você vai fazer isso? Ele me respondeu: - Porque o Sr., me levou para a Europa em 1988, e eu não gastei um tostão, poucos ajudaram, obra concluída, seu nome Edvan Batista Munhoz. Continua ajudando. Em 1964 vendemos nossa casa na Vila Constança e mudamos para a Chácara do Jockey. Era um local deslumbrante, 151.000 metros de rara beleza, lago para pescar, em volta tudo florido, salão de festas, restaurante, museu do cavalo, campo de futebol, além de outros. Era um paraíso. Contratamos uma domestica para cuidar dos nossos filhos, e com isso minha esposa foi trabalhar no Jockey para melhorar nossa renda. Compramos um carro para nossa ida e vinda do trabalho. Eu continuava trabalhando normalmente no escritório administrativo, e me dedicando ao esporte. Aos poucos se ouvia um zum zum deque o Jockey ia vender a área porque não conseguia pagar o IPTU. Apareceram muitos compradores, e quando chegavam ao leilão e percebiam o tamanho da dívida, desistiam. E eu continuava guardando a área de futuros invasores. Aí surgiu um movimento na igreja Nossa Senhora de Fátima através do Padre Darcy para transformar a Chácara em parque achei a ideia excelente. Formou-se uma comissão para acionar as autoridades para a realização de um sonho de um parque na região. Fui a algumas reuniões em que as ideias, eram bastante produtivas, outras não. Também colocamos a disposição para reuniões, a sede dos Pequeninos. Em algumas delas vieram varias

autoridades, inclusive o Prefeito Fernando Hadad. Em certa reunião o orador responsável pela reunião não convidou o prefeito para compor a mesa, e nem lhe deu a palavra dizendo que ele não tinha sido convidado. Disse ao mesmo que ele não estava certo pois ele era o prefeito, e a autoridade maior. E por educação teria que ser convidado para sentar a mesa. Pois era ele quem iria decidir se a Chácara seria transformada em parque ou não. Pedi desculpas ao prefeito e a partir daí os documentos começaram a circular entre o Jockey e a prefeitura. A D^a Vilma oficial de justiça, trouxe um ofício com todas as normas, para a realização do negocio. Fiz algumas reuniões com a vice-prefeita Nádia Campeão. E em uma delas me pediu para retirar todos os pôsteres da sede, e só deixasse os troféus. Porque os procuradores iriam visitar o local, poderiam questionar o que estava lá dentro. E realmente eles perguntaram por que esses troféus? A Nádia respondeu que estava sobre a guarda da prefeitura. Tudo esclarecido, os pôsteres voltaram para o mesmo lugar. Uma semana depois, o prefeito, autoridades e o povo se reuniram no campo da Chácara com o Padre Darcy para os discursos. Foram unanimes em dizer que o Pequeninos do Jockey por ser o guardião do local, permaneceria na sede e usaria um campo normal e um society, e os outros dois para a comunidade. E o prefeito saiu dali acompanhado de todos, entrou em nossa sede, e no portão em frente a Avenida Professor Francisco Morato, pegou uma picareta quebrou um tijolo e com isso deu inicio a derrubada o muro e colocação de grades. E quando tudo tivesse pronto marcaria a inauguração. Enquanto isso o Jockey convidava seus moradores para deixarem suas moradias. Pois o parque só seria inaugurado quando não tivesse ninguém residindo lá. O Jockey deu a cada um deles uma importância para transporte de suas mudanças. Eu dispensei, porque sabia que o clube não estava em boa situação financeira. Após a documentação assinada por mim passando a posse para a prefeitura, em 12 de outubro de 2014 eu e minha família mudamos da chácara.

Após idas e vindas foi inaugurada em 30 de abril de 2016 o Parque Chácara do Jockey. Estavam presente o prefeito Fernando Hadad, a vice prefeita Nádia Campeão, vários vereadores, o Padre Darcy e muitos moradores da região. E frisaram novamente que os Pequeninos do Jockey usaria a sede e os dois campos. Terminada a reunião todos passearam pelo parque. Estava aberto o Parque Chácara do Jockey. E fizeram uma grande reforma em todo o parque fazendo uma quadra de futebol de salão, uma pista de skate, e uma arquibancada bem em frente aos campos. E não mexeram em nada na sede dos Pequeninos. Passado algum tempo, e para confirmar a nossa permanência no parque, o prefeito acionou o secretario municipal de esporte Celso Jatene para que nos apoiasse e desse prosseguimento ao acordo entre prefeitura e Pequeninos. Ele criou uma escola de futebol para crianças e adolescentes administrada por nós. Foi assim até 2016 e 17. Em outubro de 2017, o Dr. Fernando Hadad perdeu a eleição para o Sr. João Doria Junior. Em novembro recebemos um comunicado da secretaria municipal de esportes, cancelando todos os contratos existentes entre a prefeitura com outras entidades, e nós fomos uma delas. Achávamos que no ano seguinte seria renovado. Veio janeiro, fevereiro e nada. Ai as nossas atividades começaram a declinar, já que o gestor do parque havia autorizado clubes amadores de adultos de vários bairros usassem os dois campos aos sábados e domingos, sem nada dar em troca. Eu conservava e eles usavam sem nos apoiar na conservação do local. Algumas vezes ia treinar a garotada, eles invadiam os campos, parávamos os treinos para não machucar os garotos. Parecendo algo programado para deixarmos o local, deixando o espaço livre para eles. Após a criação do parque instalou-se uma base da guarda civil com 77 homens para fiscalizar o parque e os bairros em seu entorno. O responsável era o Comandante Valdenir uma pessoa muito simpática e afável. Passava por lá de duas a três vezes por semana, tomávamos café e batíamos um bom papo. Antes da criação do

parque aquela região era tranquila. E coisas boas duram pouco tempo. Depois o comandante aposentou-se. Começo maravilhoso e no decorrer do tempo os problemas foram aparecendo. Assaltos, drogas, começaram a acontecer dentro e fora do parque. Alunos faltando nas escolas para consumir drogas. Os guardas faziam batidas aqueles que vendiam drogas fugiam, e quando os guardas deixavam o local eles voltavam. Teve um gestor de nome Paulo que pediu demissão e foi embora do parque por ter sido ameaçado de morte pelos traficantes. Ai pensei: - Eu cuidando de crianças o que eu estava fazendo ali? Em 2019 fui convocado para uma reunião pelo secretário municipal de esportes João Farias perguntando se os Pequeninos estava usando o local, porque a guarda civil precisava mudar de uma casa da entrada da chácara para um local mais reservado. E a sede do clube seria um local ideal para eles. E o secretário sempre chamava o representante da guarda civil de parceiro. Pedi a palavra e disse: - Você veio representar sua corporação? Ele disse: - Sim. Perguntei a quanto tempo você me conhece? Desde quando nos instalamos no parque. Pois é eu passo lá quase todos os dias da semana, tomamos café, batemos um bom papo, e eu pensei que estava lidando com pessoas confiáveis. Vocês deram a volta por trás para cortar caminho achando que era mais fácil e falaram direto com o secretário. Talvez se tivessem falado comigo, vocês já estariam instalado lá. Que decepção! Acabou a reunião, saí dali desapontado. Chegando ao clube pedi para o Adão, Edeilson e Torré usarem meu carro e do Adão para irem a nossa sede na chácara buscar nossos pôsteres e troféus e aos poucos fomos colocando no memorial. Quando tudo terminou, peguei a chave do prédio fui até a SEME e falei com o assessor do secretário, agradeci a ele pelos bons momentos que permanecemos lá. E entreguei a chave. Ele relutou em aceitar, eu disse:- Que era irrevogável. Coloquei a chave em cima da sua mesa, e voltei para casa. Depois de 66 anos servindo e divulgando o Jockey Club de São Paulo, e 60 anos dedicado ao esporte,

deixava a Chácara Jockey Club, hoje Parque Chácara do Jockey, local esse considerado um santuário para o Clube Pequeninos do Jockey. Passaram por lá mais de 200.000 crianças. E foi lá que as preparamos para a vida. Onde nós preparávamos pais com um curso rápido para dirigirem equipes formadas com a participação do seu filho, para que eles pudessem treinar e participar de torneios representando os Pequeninos. Esta regra era para todos os campos que os Pequeninos usavam. E só jogavam na Chácara as seleções de todos os campos. Portanto era um santuário porque só jogava lá garotos bom de bola. E o lema era: Bom de bola melhor na escola. Formamos craques, médicos, engenheiros, advogados, dentistas, pintores, pedreiros, eletricitas, encanadores, e a maior de todas as profissões: professores. Todas as semanas fazíamos reuniões e palestras com técnicos, pais e atletas, onde todos expunham suas ideias, davam sugestões para que tudo pudessem funcionar a contento. A cada três meses sempre procuravam inovar. Tínhamos equipes A, B, C até quando pudesse alcançar o abecedário. A letra A tínhamos equipes: um, dois, três, quatro e assim por diante. Em cada letra tínhamos um coordenador. E outro coordenador para cada campo. e na Chácara só as equipes A e B. a equipe nascida no ano da competição, exemplo: Dente de Leite 13 e 14 anos. Equipe A 14 Anos e equipe B 13 anos. Formação das equipes: mamadeira de 5 a 8 anos. Fraldinha de 9 a 10 anos. Dentinho de 11 a 12 anos. Dente de leite de 13 a 14 anos. Dentão de 15 a 16 anos. Aqui formamos a primeira escola de futebol dente de leite do Brasil, e em qualquer campeonato que tivesse a participação dos Pequeninos. Sempre estávamos entre os primeiros, a nível Nacional e Internacional. Qualquer jogo entre os Pequeninos e os times profissionais na maioria das vezes a vitória era nossa. No decorrer do tempo fomos colhendo os frutos das árvores que plantamos. Em qualquer evento importante no Brasil e no exterior nossa presença era muito importante. Em reuniões de grandes Clubes do país na qual o Jockey

Club participava, eles perguntavam e os Pequeninos? Muitas vezes recebi atletas famosos dizendo que queria me ver, e se podiam visitar os campos. Ao chegar lá às lágrimas eram inevitáveis. Aí vinha a resenha de quanto fomos importantes na trajetória de sua vida, e de tantas outras, que passaram por aqui. Voltei no tempo e recordei que cuidei da essência da vida de muitas crianças e com ajuda de outros transformamos sonhos em realidade. E o mais compensador em qualquer lugar que eu vá sempre sou recebido com deferência. Vou ao consultório de grandes médicos e outros lugares e nada pago pelos cuidados para comigo. Já fui recebido por reis, rainhas, príncipes, princesas, presidentes de países, federações e demais autoridades. Mas o que me faz mais feliz é quando estou com a garotada. Elas são autenticas dizem o que pensam, e eu tenho o privilegio de cuidar delas e prepara-las para uma vida melhor. É a mão de Deus nos guiando para cuidar da essência da vida, que é a criança. Pelos gramados da Chácara já treinaram vários times profissionais, entre eles: São Paulo e Palmeiras, e seleções do exterior. Lembro-me que fui assistir a um treino do Palmeiras e ao passar por trás do gol levei uma bolada no peito e fui ao chão. O autor do chute, Eder, ponta esquerda da Seleção Brasileira. Foi da sede na chácara que surgiram as grandes decisões para a divulgação do clube. Além de disputarmos o maior torneio Dente de Leite do Brasil (DEFE). Fomos convidados para disputarmos campeonato no Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais, Copa Pelé Brasil x Estados Unidos, e em todas elas fomos campeões. No exterior jogamos no Peru, Chile, Alemanha, Itália, Hungria, Finlândia, Suécia, Dinamarca e Noruega. E na maioria das vezes fomos campeões. Em 2001, um representante do governo japonês nos procurou e disse que havia feito uma pesquisa para escolher a melhor equipe amadora que iria representar o Brasil no Japão, na inauguração do estádio em Yokohama quando seriam realizadas as finais da copa do mundo em 2002. Sentimos honrados com o convite, e ele

sugeriu que fossemos 2 dias antes. Como nossa equipe era muito competitiva, disse que não era preciso. Fomos no avião da Japan Air Lane, a viagem durou 36hs. Na escala nos Estados Unidos ficamos num cubículo que só vendia salgadinhos. Quando estávamos chegando em Tokyo houve um aviso, dizendo que a rota seria desviada para evitarmos um furacão. Minutos depois posamos em Tokyo. Fizemos o check-inn, pegamos um elevador que cabia dezenas de pessoas, parecia um trem bala. Chegamos ao desembarque pegamos um ônibus, e fomos para o alojamento. E por incrível que pareça por falta de adaptação perdemos o primeiro jogo, e ganhamos todos os outros. Com esse tropeço na classificação geral ficamos em 3º lugar. O bom de tudo isso é que conhecemos um país maravilhoso, com costumes tão diferentes do nosso, e tão educados que algumas vezes ficávamos sem ação. Pois errávamos e eles que pediam desculpas. Tivemos uma palestra do Dunga campeão do mundo para a garotada, e algumas coisas que eu não gostei foi de temperar alguns alimentos que eu iria consumir. E o churrasco deles é feito com fatia de salame no fogareiro e quando da duas ou três voltas eles servem como se fosse churrasco. É muito concorrido. As bacias de toalete são muito estreitas, e os Box para tomar banho são apertados e baixos. As inovações tecnológicas eram renovadas a cada 3 dias, e me disseram para você comprar um carro tem que ter uma garagem. Fui informado que na cidade de Ramamatsu, trabalhava e morava 35.000 brasileiros, fomos lá passear e não encontramos ninguém para contar a historia. O importante é que inauguramos o estádio de Yokohama moderníssimo onde o Brasil foi Campeão Mundial em 2002. O Japão é um país bem organizado e simplesmente maravilhoso. Em 1982 em nossa primeira viagem a Europa fomos campeões em Helsinki, Gothia e Bi Campeão da Norway Cup. E o empresário que nos apoiou em nossa ida ao velho mundo, Sr. Egil nos convidou para passar uma semana na cidade Larvik onde ele residia. Fomos tratados como reis. No dia da despedida ele nos

presenteou com 2.000 dólares. Quando fomos fazer o check-in o nosso guia conversou com o atendente da LAP voltou e disse que poderíamos levar os passaportes. Após as pesagens das bagagens ele disse que havia peso a mais, e que eu teria que pagar 2.000 dólares. Coincidência não? Em 1984 chegamos a Frederikshavn para disputar a Dana Cup. Sabe qual foi o almoço? Cada um de nós foi dado metade de um frango cru acompanhado de salada. Comemos o que foi possível e as metades do frango deixamos grudados na parede e fomos embora. Em 1986 chegamos as finais da Norway Cup e pedi aos garotos após o jantar para se cuidarem porque nossa responsabilidade era muito grande. Pois iríamos representar o Brasil. Todos foram ao parque usaram a maioria dos brinquedos, inclusive roda gigante e o resultado foi que eles vomitaram a noite inteira. E com isso perdemos o título. Voltando a 1982 na noite de sexta feira pedi aos garotos para dar uma volta no quarteirão e voltarem logo para dormir, pois iríamos disputar dois títulos no sábado. Percebendo a demora fui dar uma volta pela redondeza, e encontrei cada um com uma menina na maior intimidade. Perdi a esportiva e coloquei todos para correr. Em 1984 um senhor foi a nossa concentração e me pediu a liberação de um atleta para dormir com a filha de um amigo dele. Sem comentários. Quando chegamos a Dalecália Cup na Suécia os diretores e suas famílias foram se hospedar no hotel. Eu e mais 63 atletas e 6 colaboradores ficamos alojados na escola. Com uma alimentação precária, a abertura do restaurante seria na terça feira as 12hs. Chegamos no domingo e a espera não foi fácil. As 10hs de terça feira fomos os primeiros a chegar na fila do restaurante. Deu 12h, 13h e quando abriu invadimos o restaurante e comemos tanto que faltou comida para atender a todos. Na Dinamarca fizemos tanto sucesso que quando o time do Serginho Fraldinha jogava a torcida era tanta que o repórter usava a escada magiro para filmar. Em certo jogo houve mudança de campo, os torcedores a procura de um melhor lugar saíram correndo e

houve até atropelamento. Na viagem da Dinamarca para Oslo, o Botijão me perguntou: - Por que só o Serginho era entrevistado?, Eu respondi para ele: - A sua vez vai chegar. Parecia que estava adivinhando. Na estreia em Ekberg o campo ficou lotado, tinha gente até em cima das árvores. O Botijão fez o maior sucesso e quando terminou o jogo invadiram o campo, cercaram o Botijão, tiraram tudo o que ele vestia para levar de recordação e deixaram ele só de cueca. Quando conseguimos chegar até ele, estava apavorado. Foi um susto e tanto. Ele me disse: - Que não gostaria de passar por outra. Colocou roupa ali mesmo e voltamos para o alojamento. Em 1987 levamos uma ótima equipe. Entre os atletas havia André Luis, Zé Roberto e outros. Como os resultados de uma copa vai para as outras, o sucesso de sermos campeões chegaram a Oslo. E em nossa primeira partida fomos acompanhados pelo o embaixador do Brasil, que ficou entusiasmado com nossa atuação. E nos jogos seguintes estava sempre presente com refrigerantes para os garotos. Na final ele me levou não só um refrigerante, mas vários para os garotos. Fizemos a maior festa, aí mostrei para ele o Jadir da Silva Otoni, e disse: - Está vendo aquele garoto? Não tinha dinheiro nem para tirar o passaporte. Fomos embora e no dia seguinte as 9hs recebi um telefonema do embaixador dizendo que queria vê-lo aquele garoto para gratifica-lo. Agradei a ele pelo convite, e que iria leva-lo até ele. Todos os garotos inclusive os adultos, e contei o ocorrido. E disse: - Sozinho eu não vou. Convidei o Marçal, Luis Carlos e sua esposa, para nos acompanhar. O Luís pegou sua velha Kombi e lá fomos nós. Fomos recebidos por uma senhora norueguesa, muito simpática e falava muito bem o português, e o embaixador com muito calor humano. Conversa vai, conversa vem ela disse ao embaixador; o Jadir trouxe presente para o senhor. A camisa que ele usou na final e que foi campeão. O embaixador agradeceu, e disse: - Minha esposa foi passear em Frankfurt Alemanha e sobrou 20 marcos e deu de presente para o Jadir. O Marçal ficou nervoso e queria ser indelicado com o

embaixador. Eu disse: - Calma, nós não viemos aqui por acaso. Todos decepcionados, na saída a senhora norueguesa deu 100 coroas norueguesas ao Jadir e um cartão com seu nome e endereço e telefone do escritório onde trabalhava. Agradei pela acolhida e fomos embora. Voltando ao alojamento os comentários na Kombi eram desanimadores. Disse a eles, que o convite para ir a embaixada foi programado por algo inerente a nossa vontade e que alguma coisa deveria acontecer. Chegando ao alojamento convoquei uma reunião e perguntei a todos quanto vocês acham que o embaixador nos deu de presente? As respostas foram as mais diversas, 30.000 dólares, 40 mil dólares, 50.000 dólares, 60.000 dólares e assim por diante. Já pensou se eu fosse sozinho? Na imaginação deles eu estaria cheio de dinheiro. Foi no final dessa copa que o dinheiro acabou e o Chacrinha um musico que se parece muito com o Chacrinha brasileiro, fez uma feijoada para nós e o que sobrou levamos para comer no trem. Quando entramos no vagão a panela caiu derramando parte da feijoada. Eu e o Zé Roberto pegamos uma colher e raspamos por cima o que poderia ser aproveitado e colocamos de volta na panela. Quando chegamos em São Paulo, peguei o cartão daquela senhora norueguesa e escrevi para ela agradecendo o tratamento dado a nós, e disse: - A senhora como norueguesa fez para o nosso garoto muito mais que o embaixador do Brasil. Ela agradeceu e disse: - Em janeiro dia 21 às 21hs o Dr. Erling vai recebe-lo no Maksud Plaza. Mais uma vez não fui sozinho. Convidei o Ademar para ir comigo. Ficamos a espera na recepção. Como estava demorando fui ao balcão e perguntei: - Tem alguma reserva em nome dessa pessoa? Ele disse não. Quando estávamos saindo ele disse, tem sim. E é uma reserva especial. Ele já chegou. Por favor me avise quando ele estiver descendo? Aviso sim. Passado alguns minutos, voltei lá e disse: - Já são 20h05 ele ainda não desceu? Desculpe ele ja está descendo. Aí apareceu aquele homem loiro alto e forte cheio de seguranças, nos cumprimentamos me deu seu

cartão e disse: - Eu quero ajuda-lo. Agradei por nos receber e disse a ele que muita gente queria me ajudar mais de concreto poucos ajudaram. Peguei o cartão e junto com o Ademar lemos o nome dele completo, e quais eram suas atividades. Nome: Dr. Erling S. Lorentzen. Atividade: Marinha Mercante. Ficamos eu e o Ademar discutindo como ele poderia ajudar. Ele possuía navios o que seria impraticável para nós viajar de navio para a Escandinávia. Vamos aguardar. Dia 15 de março recebi um telefonema do Rio de Janeiro. Sr. Guimarães é o Dr. Erling, estamos em assembleia e resolvemos doar 15.000 dólares para sua viagem a Europa. Levei um grande susto com o comunicado, e não me fiz de rogado, aceitei imediatamente. Ele me deu o endereço e o local onde eu poderia retirar a doação. Aí fiquei pensando: - Ele disse assembleia. Será que ele é político? Sr. Airton Polo na época presidente do Pequeninos, foi ao Rio de Janeiro retirou o dinheiro, agradeceu e voltou para São Paulo. Liguei para o Rio de Janeiro e pedi para o responsável mandar o logotipo da firma que estava nos apoiando. Encomendei os uniformes e fomos para a Escandinávia. Na estreia em Oslo veio um repórter nos entrevistar e me perguntou se eu sabia quem era aquela pessoa. Respondi: - Não tenho a menor ideia. Ele insistiu, não sabe mesmo? Respondi que ele morava no Rio de Janeiro. Ele disse: - Esse senhor é casado com a Princesa Rhagnhild da Noruega. Fiquei surpreso e ao mesmo tempo feliz por saber que o nosso patrocinador era tão importante. No sábado na entrega das medalhas apareceu dentro de uma carruagem a Princesa Rhagnhild, colocaram um tapete vermelho, ela desceu e eu fui ao seu encontro. Me disseram que eu não podia ir ao seu encontro porque ela era princesa. Disse: - Sou brasileiro, ela disse pode vir, eu falo português. Nos abraçamos, ela condecorou nossos garotos e fomos embora muito felizes. Fizemos um contrato de patrocínio por 3 anos, 88, 89 e 90. O Chacrinha que nos deu a feijoada é norueguês que fala muito bem o português, toca trompete, e se veste como o Chacrinha. Foi

convidado algumas vezes e aceitou participar da abertura do carnaval carioca. Certa vez recebi uma carta do Dr. Erling me consultando sobre a ida do Dr. João Havelange presidente da FIFA para abertura da Norway Cup ou final dela. Pois ele iria participar do congresso dos jogos de inverno da Noruega. Disse a ele que o ideal seria na final, pois demoraria mais tempo sua estadia por lá, e a abertura seria muito rápida para um acontecimento tão importante. A minha sugestão prevaleceu, ele e João Havelange foram assistir a semifinal do nosso clube. E disse: - Se vocês ganharem eu fico para a final. Ganhamos e no sábado lá estava o Dr. João Havelange ao lado da Princesa para assistir nosso jogo. Ganhamos, ele condecorou nossos garotos, tirou fotos conosco e deu um relógio da FIFA de presente para o melhor jogador da partida, que foi o nosso atleta Rodney Jericó da Silva. Em 1992 chegamos a Estocolmo com destino a Goteborg, passamos pelo Mc Donald, pegamos 60 lanches com 60 copos de plásticos grande de coca cola e embarcamos no trem rumo a Gothia Cup. Pegamos os alimentos e colocamos nas prateleiras existentes no vagão, e disse ao Adão e o Gomes na hora certa de lanchar o Adão pega os copos com coca cola e o Gomes os lanches. As 14hs pedi para o Adão pegar as cocas cola e o Gomes os lanches, para minha surpresa o Gomes trocou as bolas e pegou os copos de coca cola. Naquele momento o trem começou a sacolejar e o Gomes começou a sambar pra lá e pra cá e tudo foi ao chão. O vagão ficou inundado de coca cola. E quando o fiscal do trem pisou no vagão para conferir as passagens, a bota grudou no chão. Ele queria saber quem foi o culpado o Gomes acusava o Adão, e o Adão acusava o Gomes. Em 1993 chegamos a Paris na estação ferroviária Gare de Lyon. E o trem para Roma sairia no dia seguinte. O gerente da estação conseguiu uma sala grande para dormirmos. O Julio Batista dormiu ao meu lado, a noite acordou dizendo que ia bater o penalty, saiu correndo pelo salão, deu algumas voltas e voltou a dormir. Na estreia da copa em Estocolmo o Julio Batista caiu de barriga no

campo e gritou ai Bené. Saímos correndo ao seu encontro e quando chegamos lá ele estava sorrindo. Eu disse: - Você nos deu o maior susto por nada? Lhe dei alguns petelecos, e deixamos o campo. Durante o jogo uma pessoa chegou perto de mim e disse: - Seu time é muito bom. Vamos nos encontrar na Gothia. Respondi; com muito prazer. O time dele era o Bromma. Por incrível que pareça, aconteceu. Final no estádio Ulevy, Pequeninos x Bromma. Estávamos ganhando por 2x0, e quando estava faltando 5 minutos para o término da partida, eles empataram. Aí fomos para prorrogação. Primeiro tempo 0x0, no segundo tempo o Julio Batista fez uma bela jogada pela direita, tocou para o Biro que deu uma cacetada na bola e ela entrou com goleiro e tudo para o gol. Foi uma grande festa no estádio. E eu vibrei como nunca. Em 1992 saímos de Frankfurt a noite com destino a Paris, e chegamos as 7hs da manhã. Tomamos café e fomos conhecer Paris. Pegamos o ônibus com destino a Torre Eiffel, sentei no ônibus e ao meu lado o garoto Edgar, a frente da nossa poltrona estava sentada uma senhora chique, que abriu sua bolsa, pegou um sanduiche de baguete, e começou a comer, pois acredite se quiser, o Edgar vomitou em cima da cabeça da mulher. Imediatamente o ônibus parou, o motorista chamou a policia e foi um Deus nos acuda. Aí descobri que ele havia pego as escondidas a noite uma lata de feijoada fria e havia comido. Não deu outra. Em 1998, estávamos em Viena, e pegamos o bonde na estação West com destino a estação Norte. Quando faltava uma estação para chegar o Luizão quis dar uma de entendido, ao invés de apertar o botão da próxima parada, apertou o botão do alarme. Foi aquela confusão. Quando isso acontece os bondes tem vários sacos de areia que são derramados nos trilhos automaticamente, para evitar acidentes. Na ocorrência apareceram várias autoridades, e após minuciosa inspeção, o bonde foi liberado. Todos acomodados no trem com destino a Suíça apareceu duas moças correndo atrás de um dos nossos garotos, dizendo que ele havia pego um sanduiche delas.

Fui a nossa bagagem peguei um dos sanduiches que ele teria direito dei para a moça e pedi mil desculpas. Tivemos a maior sorte da moça não ter chamado a policia. Em Larvik fizeram um belo jantar para nós com grãos de feijão bem grande. Todos acharam que iria tirar a barriga da miséria, pois a ultima vez que comemos feijão foi a 20 dias atrás na Gothia. Todos encheram os pratos e algum tempo depois todos jogaram no lixo. O feijão era doce. Estávamos jogando a Gothia Cup em 1997 no Heden quando fomos procurados por um Finlandes falando um ótimo português querendo saber tudo sobre o nosso clube. Após as explicações ele disse que iria morar em São Paulo, que tinha dois filhos e queria que eles fossem jogar conosco. Dissemos a ele que seriam muito bem recebidos. Demos o nosso cartão, e ele foi embora. Passado alguns meses, ele nos procurou na chácara e inscreveu seus dois filhos. Eu perguntei onde ele estava trabalhando. Ele disse que era o presidente da Skania – Volvo para a América do Sul com sede em Guarulhos. Quando alguém ia falar com ele em seu escritório em Guarulhos, passava por várias secretárias para chegar até ele, devido a importância do seu cargo. Após um bom entendimento com os seus filhos e os nossos atletas, a viagem a Europa estava de vento em popa. E ele estava tão entusiasmado que deu 30.000 dólares para a equipe de garotos nascidos em 1987 para ajudar na viagem. Nas copas da Escandinávia ele foi nosso massagista. Quanta humildade! É sinal que o poder não lhe subiu a cabeça. Seu nome Jorma Hallonen. Em 1982 estávamos alojados num albergue em Frankfurt, as 18hs pedi para que todos fossem tomar banho no banheiro masculino. Do outro lado tinha um banheiro feminino lotado de francesas. Eles combinaram de se encontrarem após as 22hs. Coloquei todos para dormir, peguei a chave coloquei debaixo do meu travesseiro e fui dormir. Após um tempinho chegou o Orlandinho perto do meu ouvido e disse: - Seu Guimarães a chave? Perdi a esportiva. Num jogo na Dinamarca estávamos perdendo por 3x0. Por mais que eu mexesse na equipe

nada dava certo. No segundo tempo tive que lançar o Orlandinho mesmo machucado para reverter o placar. E por incrível que pareça ele só não fez chover. Ganhamos por 4x3 com 4 gols dele. Fomos convidados para um torneio de futebol de salão no centro educacional e esportivo parque da Mooca. Levamos duas equipes. Uma só de atletas brancos e outra de atletas negros. Durante o desfile de abertura os aplausos eram todos dirigidos a nós, foi o maior sucesso. Recebemos um telefonema de um padre de uma cidade do interior convidando nosso clube para fazer um amistoso com atletas na faixa etária de 12 anos. Aceitamos alguns dias depois ele ligou para confirmar o jogo. No dia e horário marcado estaremos aí. Ele pediu para que os nossos garotos não ultrapassasse certa altura. Achamos estranho, mas, aceitamos. E ainda disse que no jogo não tem impedimento. Perdemos de 22x0. A maioria dos jogadores dele eram anões. Na hora de ir embora agradecemos a recepção, me dirigir a ele, e disse: - O Sr. não é padre, o Sr. é um capeta. Homenagens recebidas honra ao mérito – vários; personalidade do ano – vários; de clubes provisionais – vários; cidadão Paulistano – Câmara Municipal de São Paulo, em setembro de 1997, vereador Dalton Silvano e de clubes amadores – vários, o que marcou foi no Aliance Park com a presença de 20.000 torcedores fui homenageado com uma placa por Zé Roberto na despedida de sua carreira por ter sido seu primeiro técnico; Tocha Olímpica – Olimpíada 2016 no dia 25 de Julho no Pacaembu; esportista número dois – em Helsinki Finlândia; Prêmio nobel – Disciplina Esportiva – em Estocolmo Suécia; Rol da Fama – Gothia Cup Gotenborg Suécia; Rol da Fama – Dana Cup Dinamarca; Embaixador do Brasil – Norway Cup Noruega. Em 1982, na semifinal da Norway Cup, o jogo terminou empatado tanto no placar quanto nos escanteios. O Juiz apelou para moeda, cara ou coroa. O Almir da equipe escolheu cara, e antes da moeda cair no chá ele saiu correndo e comemorando. Até o juiz entrou na dele, e nos deu a vitória. E até hoje não sabemos se deu cara ou

coroa. Quando ganhamos as duas categorias da Norway Cup o presidente de um clube do interior da Noruega nos procurou e nos ofereceu uma importância em dinheiro e um avião para levar nossas equipes até a sua cidade fazer um amistoso, e regressar no mesmo dia. A nossa felicidade era tanta que não aceitamos o convite, e fomos comemorar. Em 1994 fizemos uma boa campanha na Norway Cup, e como premio nos levaram para a cidade de Drobak. Chegando lá descobrimos que era a cidade do papai Noel e os habitantes afirmam que a verdadeira cidade de Papai Noel é na Noruega, e não na Finlândia. Só sei que passamos uma semana maravilhosa. Em 2000 tínhamos uma promessa de um banco para custear a nossa viagem, 30 dias antes do embarque o banco deu pra trás. Iamos para as copas e cancelamos nossa participação. A Norway Cup respondeu que viesse participar, e eles pagariam as passagens e lá fomos nós. Ganhamos o título mais os compromissos sociais foram tantos que não tínhamos liberdade de ir e vir. Desfilamos com várias autoridades e algumas princesas, todos os dias que lá permanecemos. Soube depois que eles fizeram pedágio em toda cidade, todo povo colaborou, principalmente o ministério da educação. Um repórter me perguntou se eu era amigo da princesa, eu respondi: - Pergunte a ela. Em 1984 viajando de trem de Estocolmo para Gotemburg, notamos o nosso atleta Duda de 10 anos correndo de um fiscal no trem. Fomos socorrê-lo e eu perguntei o que havia acontecido. Ele disse que o fiscal foi pegar algo num depósito e sua traseira ficou bem visível. O Duda disse que parecia uma bola e deu aquele chute. Pedi mil desculpas e a viagem continuou. Na Norway Cup o Serginho Fraldinha passou por uma loira e disse: - Como a senhora é feia! Ela respondeu em português: - É por isso que a educação em seu país é tão ruim. Haja visto a educação que você recebeu. Havia muita chuva durante a Norway Cup em 1984, os garotos jogavam se molhavam, ia pra o chuveiro tomavam banho quente e voltavam para o jogo seguinte. Isso aconteceu na quarta, quinta e sexta. A

Doutora Rose Mary esposa do Luís Carlos nos acompanhava nas idas e vindas dos atletas. Em dado momento disse: - Agora eu entendo porque durante os jogos vocês ficam tão nervosos. Porque em mim dá uma dor na barriga e só termina quando o jogo acaba. Rafael Fortuna que cuidava da indenização dos cavaleiros, para por em ordem a parte trabalhista dos profissionais do turfe me perguntou se eu queria comprar um sobrado na Vila Sonia. Disse a ele, que queria ver o imóvel. O treinador Amazilio Magalhães proprietário do sobrado me levou até lá. Era pertinho da delegacia 34º distrito, na Rua Mandissununga, 61, era um belo sobrado, bem espaçoso. Após a construção aterraram a rua e a parte de cima ficou no nível da rua. Perguntei quanto custava o imóvel, ele disse 25 milhões. Eu disse, nem pensar. Na saída marquei o numero do sobrado, meia um. Fui a lotérica no Largo de Pinheiros em frente a igreja, comprei um bilhete de numero zero oito zero meia um, comprei pela segunda vez e não fui premiado. Na terceira vez eu não podia ir, pedi ao colega de trabalho José Mota para comprar pra mim. Dei todas as coordenadas. Ele comprou o bilhete. Na sexta-feira fui com minhas filhas a igreja, na volta elas me mostraram uma senhora idosa carregando duas sacolas. Me antecipei e pedi a ela para levar, eram bem pesadas. Na entrada da Chácara ela pegou as sacolas, me agradeceu e entrou em uma casa, eu nunca mais a vi. Fui para casa com minhas filhas e no dia seguinte fui trabalhar. Na arquibancada tinha uma lanchonete, onde colocavam o resultado da loteria federal. Perguntei ao garçom que numero tinha dado, ele me mostrou o papel. Quando vi não acreditei. Era o meu numero. Comecei a ficar nervoso. Fui à lotérica conferir a lista para ver se tinha dado realmente aquele numero no primeiro premio. Confirmado, comprei o sobrado. Foi uma grande realização para nossa família. Certa noite sonhei que estava andando pela Rua Direita, na direção da Praça da Sé. Antes da chegada do lado esquerdo havia uma casa lotérica com um grande painel e quando havia sorteio os números sorteados eram colocados

manualmente no painel. Eu parei, olhei no painel e estava lá. Segundo premio 30.613. eu perguntei: - E o primeiro premio? Um colega de trabalho de nome Dante Vescovi me disse deu 56. E os outros foram respondendo até completar o placar. Acordei cedo no dia seguinte e tomei café e fui para o Jockey. Fiquei na porta do escritório ai passou o ferrador Bolacha, perguntei se ele conhecia algum bicheiro. Ele disse: - Meu vizinho é. Dá para fazer um jogo pra mim? Dá sim. Dei o numero e o dinheiro para ele, olhou e disse: Não vai ganhar nunca. Falei pode fazer. Ao meio dia ele foi almoçar, e na volta eu perguntei, fez o jogo? Fiz sim. As 14hsna Radio Bandeirantes o José Paulo de Andrade começou a irradiar o sorteio da loteria federal. E de cara disse: Primeiro premio: 30.613, eu disse perdi. Joguei no segundo premio! Aí o Jose Paulo disse: Uma retificação, o numero que anunciei agora é o segundo premio. No outro dia o Bolacha trouxe o dinheiro, e dei uma festa para os meus colegas. Um dos participantes disse: - Porque gastar dinheiro atoa? Respondi: - Veio de graça, estou devolvendo uma parte. Em 1984 um canal de TV da Holanda passou uma semana conosco na Norway Cup filmando o Serginho Fraldinha, achando que ele seria o futuro Garrincha da Seleção Brasileira, quase acertou. Jogou na Seleção Brasileira sub 20. Em 1990 na Gothia Cup reuni a garotada as 21h50 pedi para que todos fossem dormir, pois no dia seguinte haveria alguns jogos, e todos deveriam descansar para estarem preparados para a maratona de jogos. Apaguei a luz e fomos dormir. Alguns minutos depois começou a guerra de chinelos. Liguei a luz peguei um chinelo e todos saíram correndo para uma floresta ao lado da escola. Algum tempo depois eles foram aparecendo, pedi para que todos se sentassem e um deles o sueco Linus que passara um ano na minha casa e estava voltando, disse: - O Sr. é louco.eu disse: - Quando os pais entregam vocês aos nossos cuidados esperam que voltem bem melhores após a viagem. Pedi para voes dormirem e quando tentamos adormecer sempre ficamos algum tempo com os olhos

abertos até pegar no sono. Se um desses chinelos pegar no olho de alguém e perde a visão, quem será o culpado? Os dirigentes. Todos pediram desculpas e foram dormir. Em 1992 nosso time nascido em 1976 era muito bom, mais havia uma equipe Polonesa que era muito boa. Tinha feito 92 gols e nenhum contra. O Erik um jogador sueco que estava atuando por nós disse que iria embora pois não tínhamos nenhuma chance de ganhar. Deu tchau e foi embora. A tardinha apareceu o Alfredo com uma Kombi e lotou o veículo com 9 atletas e eu para jantar em sua casa. Nunca comemos tanto, feijão, arroz, farofa, batata frita, frango ensopado, carne assada, bife e algumas coisitas mais. Foi aquele banquete. No outro dia fomos para final e os garotos acabaram com o jogo. O adversário não viu a bola. Foi uma exibição de gala. O banquete nos fez muito bem. Vencemos por 5x2. Em 1994 fomos assistir no Ginásio Skandiniun em Gotenborg Suécia a final do campeonato mundial de futebol. Entre Brasil e Itália. Ganhamos nos pênaltis. E quando saímos para comemorar havia uma porção de italianos com pedras nas mãos para nos atacar. Mais que depressa pegamos o bonde e fomos para o alojamento. Em 1998 uma TV Finlandesa acompanhou o atleta Ricardo Cabê durante toda a copa, achando que ele seria o meia Rivaldo. Devido a contusões não deu certo. Quem abrilhantou a Norway Cup em 1998 foi a equipe do Santos Futebol Clube, cujo treinador era o Sr. Vanderlei Luxemburgo que fez uma exibição em Ekberg com estádio lotado. E nós estávamos lá prestigiando nossos craques. Em 2001 na Gothia Cup na abertura da Copa o Bayer Leverkusen, um time sueco e que deveria fazer uma entrevista com o Zé Roberto no radio e na TV. Na hora marcada eu estava lá, e ele também. Colocamos o papo em dia no hotel mais luxuoso da cidade, fizemos a entrevista, ele me disse que do ônibus até o hotel distante 30 metros ele perdera seu passaporte. Havia muita gente procurando e não sei se achou. Aí ele me convidou para assistir o jogo no Estádio Ulevi, estarei lá com muito prazer. Soube depois que ele estava

machucado e que não iria jogar. Não fui. Às 22hs coloquei as duas equipes para dormir, e quando todos estavam se preparando para se deitar o Zé Roberto apareceu. Pedi para que todos se assentassem, peguei algumas cadeiras, sentaram os adultos, Zé Roberto e eu. Aqui está o Zé Roberto jogando na Alemanha e que em 1987 e 1990 sentado aí como vocês estão e hoje é uma figura importante no futebol mundial. Após uma breve palestra ele me disse que quando se aposentasse gostaria de fazer a mesma viagem com a sua família para matar a saudade. Em 1988 após a viagem vitoriosa de 1987, o André Luís não apareceu mais no clube, procura daqui procura dali, soube que ele estava no Corinthians, que saía de casa às 6h da manhã e voltava às 22h da noite. Como ele e sua família moravam no fundo da Chácara, pertinho da minha casa fui visita-lo. Cumprimentei todos da família e disse: - Então você está treinando no Parque São Jorge, sai daqui às 6h da manhã e volta às 22h da noite, quando você estuda? E sua alimentação como está? Dei-lhe uns puxões de orelha e disse: - Amanhã às 8h estarei aqui para leva-lo ao Morumbi. No dia seguinte às 8h da manhã passei em sua casa peguei o André e levei até o Morumbi. Procurei o Geraldo gerente das categorias de base e contei o ocorrido e ele já ficou alojado. Alguns anos depois sob o comando do Telê Santana, ele estreou na equipe profissional do São Paulo, no Estádio do Morumbi. Jogou em grandes clubes profissionais do Brasil, e do exterior. E defendeu a Seleção Brasileira 22 vezes. O Jockey Club de São Paulo mantinha uma escola de aprendizes de Jockey no alojamento ao lado do grupo de cocheiras nº 53 na Vila Hípica. No alojamento havia dormitórios para os aprendizes e salas para aulas teóricas. Poderia entrar na escola garotos a partir de 16 anos. E algumas exceções e que o peso não poderia ultrapassar a 50 quilos. Ser famoso era um sonho para poucos. Vinham candidatos de todas as regiões do Brasil. A escola era comandada por professores e um Jockey que entendia do riscado. Mantinha de 2 a 3 animais sobre os cuidados dos

alunos, para aulas praticas. Quando o aluno não estava apto para a profissão logo era dispensado. A escola poderia receber até 20 alunos. E após um bom período de treinamentos eram levados para o paddock. Sentavam numa pequena arquibancada, e ficavam a espera dos treinadores que escolhiam um deles para trabalhar seus cavalos. E com isso conseguiam a simpatia de montar seus cavalos durante as corridas. Os aprendizes no início de suas carreiras tinham a vantagem de montar seus cavalos com 5 quilos a menos. E quando tinham certo numero de vitórias sua vantagem diminuía de 5 para 4, de 4 para 3, de 3 para 2, e quando conseguia 50 vitórias passava a ser Jockey e deixava de morar no alojamento. Quando o aprendiz conseguia a primeira vitória, o premio era tão bom que dava para comprar um carro. Aí aparecia aventureiras que depenavam seu dinheiro. Então a direção do Jockey baixou uma norma que todos os prêmios ganho pelo aprendiz seriam colocada em uma poupança, e só retirada após completar 18 anos com a presença dos pais. Acabou o problema. Eu continuava fazendo a minha parte esportiva proporcionando diversão após o expediente para funcionários seus filhos e profissionais do turfe. Eu não entendia a existência de 3 entidades dentro do Jockey, Associação dos Funcionários, Caracas F.C., Grêmio Acroama, em que os associados só poderiam participar se fossem ligados ao Jockey Club. Comecei a pensar em fazer algo diferente, de tudo, que existia no Jockey. Treinava filhos de funcionários as segundas feiras a noite na quadra na Rua Henrique da Cunha ao lado da Tock Stock. E as noites seguinte, Juvenil e principal de funcionários e profissionais do turfe. De vez em quando me aventurava com uma bola, 5 camisas dentro de um saco e com 5 garotos fazer amistosos de futebol de salão. A equipe que eu levava para competir, não correspondia o que eu esperava delas, já que durante os treinamentos muitas crianças lotavam a quadra do lado de fora assistindo e não podiam participar porque não eram ligados ao Jockey. Na escola de preparação para Jockeys havia garotos de muitos

estados do Brasil. Sem nenhum parente no Jockey Club. Comecei a me informar o que o Jockey oferecia para quem não era ligado a entidade. E soube que José Carlos que trabalhava com Dona Dalila no serviço social lidava também com esporte, e tinha uma equipe de jovens e nem todos pertenciam a Família Jockeana. Para agradar a gregos e troianos ele colocou o nome de Pequeninos do Jockey. E todos os domingos pela manhã assistiam a missa ganhavam um lanche depois iam treinar. Ouvindo essa história que aconteceu alguns anos atrás. E não houve contestação de nenhuma agremiação, achei por bem acrescentar o nome clube no Pequeninos do Jockey, e dei continuação ao trabalho que tanto queria, dar oportunidade a todas as acrianças e adultos, independente de raças, credos e cores. Proporcionando diversão sadia a todos eles. Aquelas crianças que ficavam em volta da quadra assistindo alguns privilegiados treinar teriam a oportunidade de treinarem também. Seria bem diferente da escola de aprendizes que comportava 20 alunos, e de vez em quando havia renovação. E da escola de futebol de salão dos filhos de funcionários, que a partir de janeiro de 1970 estava aberta as inscrições para todas as faixas etárias independente de ser ou não ligado ao Jockey Club de São Paulo. Reuni os pais e os atletas e disse: - A partir de hoje formaremos várias equipes e cada uma delas formará uma comissão de pais que ficará responsável pela compra de dois uniformes, uma bola de futebol de salão e uma bola de futebol de campo. Cada pai levará seu filho e alguns atletas que não tem carro para jogos e treinos. Essa era a única despesa dos pais dos atletas do Clube Pequeninos do Jockey. Em fevereiro de 1971 entramos na Federação Paulista de Futebol de Salão para disputar o Metropolitano nas categorias juvenil, atletas: Alexandre, Cabeção, Darcy, Hatiro, Lourival, Rinaldo, Robertinho, Rui, Tata e Toni. Principal: Anibal, Arnaldinho, Canhoto, Capoeira, Diquinho, Evandro, Fredi, Gabriel, Magrão, Niló, Paulé, Pedrinho, Renato, Tatinha, Teirinho, Tuta. Técnico: Guimarães. Massagista: Zé Mota. Médico: Dr. Bruno.

Estreamos contra o Club Atlético Ipiranga, um dos favoritos ao título e vencemos por 5x2. E no jogo seguinte contra o Círculo Militar, achamos que era moleza, e perdemos por 7x2. A partir daí com os pés no chão fizemos uma ótima campanha nos dois anos que participamos. O que me fez abandonar as equipes de adultos, porque as vezes que eu pedia tempo os reservas não me via com bons olhos. Não tinham nenhuma palavra de incentivo para comigo, percebendo que o meu tempo dedicado a eles não era correspondido. Passei a cuidar somente de crianças. Aí sim me realizei. Os pais que tinham um diamante em seu poder entregavam para mim, um diamante em pedra bruta para que eu lapidasse e devolvesse a eles a joia mais linda do mundo. E assim eu tentava transformar os sonhos deles que queriam transformar seus filhos em alguém que eles nunca foram. Foi assim que eu os convenci a colaborar com o meu projeto, dedicando seu tempo, não só a seus filhos, como aos filhos dos outros também. Eu era o primeiro a chegar e o ultimo a sair, pois sabia que não podia falhar, onde havia crianças a minha espera, dependendo de mim para fazer o que elas mais queriam jogar futebol. A rotatividade era muito grande, alguns apareciam por curiosidade e não tinha nenhuma noção sobre futebol. Outros vinham porque gostavam e tinham qualidades para serem jogadores. Eu trabalhava no Jockey por obrigação, e no Pequeninos pelo prazer de lidar com aqueles rostinhos que vinham ao meu encontro, alguns se antecipando aos outros para serem notados e os primeiros a serem escolhidos. A cada dia eu me esforçava cada vez mais para fazer o melhor. No dia 04/10/1971 nasceu o meu filho Maron. Após o nascimento de minhas três filhas, veio meu filho varão. Eu tinha vários filhos do coração. E esse veio para coroar de êxito tudo o que eu tinha até aquela data. Tudo que foi feito até aquela data meu animo redobrou. E quando ele começou a andar, onde quer que eu fosse levava ele comigo. Não foi um craque no campo, mas foi um super craque fora dele. Em 1992 em um jogo em Stockholm da

categoria B 16 o atleta Edilson pegou a bola no meio campo passou por vários adversários inclusive o goleiro. Ao invés de fazer o gol voltou com a bola para trás. Substitui na hora. O juiz me disse que eu não fiz uma boa escolha. Eu respondi que era melhor corrigir agora para que se um dia ele fosse um profissional não cometesse o mesmo erro. Em um jogo na Dana Cup campo nº 17 no jogo da mesma categoria quarta de final estávamos ganhando por 2x1 quando nosso centro avanço Lu deixou a área adversária e foi para nossa área e cometeu um pênalti. Jogo empatado com um jogador a menos, ainda conseguimos ganhar por 3x2, após o jogo o atleta Lu veio me cumprimentar falei para ele, você pensa que eu esqueci? Você não pensou nos seus colegas que estavam lutando para conseguir a vitória? E num ato impensado quase pôs a tudo a perder? Dei aquele puxão de orelha disse, nunca mais faça isso. Em 1998 tínhamos sido campeões na Helsinki Cup e com grande moral iniciamos a Gothia Cup, goleadas e mais goleadas. Havíamos deixado a questão de horário dos jogos a cargo de um coordenador. Ganhamos o primeiro jogo do dia e fomos descansar. Deu um branco geral no horário do segundo jogo e perdemos por WO. Todos nós ficamos tristes, e derramamos muitas lágrimas. E os garotos prometeram que voltariam a Gothia para serem campeões. Em 2001 eles cumpriram o que prometeram. Ano 2000 a direção da Norway nos levou para passear em uma grande fábrica onde havia profissionais que faziam lindos vasos para vender aos visitantes. Pegavam uma bengala e em sua ponta enrolava uma massa e colocava no fogo e começava a girar até conseguir transformar em um lindo vaso. Perguntei a um deles de onde eles eram. Disse, sou Cubano. Perguntei por que não faz isso em série? É muito mais prático. Ele respondeu, e a tradição? Sem palavras. Em 2002 nossa primeira visita a Sandforjd fomos tão prestigiados que fizemos um tour pela região no avião do rei. Em 1991 disputamos o campeonato paulista de futebol de campo defendendo as cores da central brasileira de cotia, nas categorias sub 15,

infantil e sub 17 juvenil. E fomos terceiros colocados nas duas categorias. A De Paula Esportes fabricante de material esportivo fazia um campeonato de leite na TV Gazeta com o nome de varias firmas e em varias faixas etárias e em todas elas estávamos presentes. E em sua maioria fomos campeões. A TV Gazeta promoveu um torneio pelos bairros de São Paulo, com nossos atletas nascidos em 1970. Desafios equipes para jogar conosco. E assim promovendo uma marca de chicletes para a agrotada. Tudo ia muito bem até que um dia o técnico do São Paulo, Celso Ormrod que era também técnico da nossa equipe na TV Gazeta, trocou o nome do patrocinador e o projeto deixou de existir. Elia Junior apresentador da TV Bandeirante que sempre assistia nossos jogos, gostou tanto do Butijão, que o convidou para fazer uma gravação nos viadutos existentes nas marginais Pinheiros e Tiete, mostrando suas habilidades com a bola. Pois ele tinha intimidade com a redonda e fazia malabarismo com ela. Essa gravação foi exibida algumas vezes na TV Bandeirantes. Em 2000 a direção da Norway Cup nos levou ao estádio principal para assistir o jogo de dois times profissionais HJK x PK_35 e de cortesia trouxe para toda delegação 40 atletas e 4 dirigentes, 44 copos grande cheio de café e nos apresentou. Quando tomamos o primeiro gole, não tinha açúcar, disfarçadamente jogamos fora todo o café e os copos fora. Participando de um torneio em Promissão no primeiro tempo troquei um atleta, e no segundo tempo troquei outro atleta. O técnico da equipe adversária saiu do seu banco, se dirigiu a mim e disse: - O Sr. prega tanto a honestidade tirou um garoto no primeiro tempo, e colocou o mesmo garoto no segundo tempo? Aí mostrei para ele os irmãos gêmeos. Esses dois servem como prova? Ele pediu mil desculpas e foi para o seu banco. Em 1994 em um jogo na Norway Cup categoria C 14 ganhamos de 14x0. O adversário entrou com recurso dizendo que o regulamento permitia três substituições e eu havia feito quatro. A comissão julgadora deu ganho de causa ao reclamante. E a sentença foi: - fazer um novo jogo,

eles desistiram. Em 1993 o maior artilheiro de todas as copas foi o jogador Biro fez 192 gols em uma só temporada, era um ótimo jogador. Só não foi profissional por excesso de peso. Formou-se em educação física e tem um corpo de atleta. Coisas da vida, ou coisas do futebol. O Jockey possuía um ônibus vermelho muito antigo para transporte de funcionários. E de vez em quando usado por nossos atletas para jogos em outros bairros, e quando o jogo era na Chácara ao voltarmos para o Jockey, e quando o time perdia eles voltavam a pé a partir do Caxingui. E quando o time ganhava quem voltava a pé era eu. Certa vez descendo a ladeira depois da igreja, sentido cidade, saiu uma roda e só fomos parar em cima de um barranco. Um dia pedi ao nosso diretor Dr. Caio Paes de Barros que doasse o ônibus para os Pequeninos. Ele respondeu: - Não. Perguntei, por que não doutor? Ele respondeu que adianta dar o ônibus para você se quem vai concertar sou eu? É o Sr., tem toda razão.